

# REVISTA

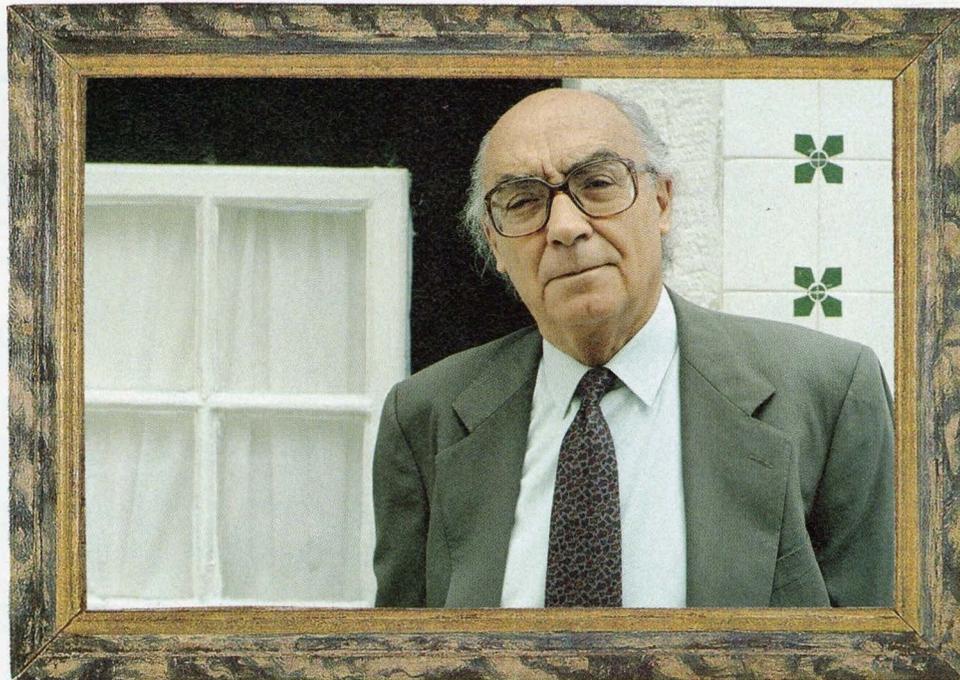
Expresso

Nº1355  
SÁBADO  
17 OUTUBRO 1998



**SARAMAGO, José** (16/11/1922, Azinhaga, Ge-  
gã). Romancista, cronista, poeta, dramaturgo,  
jornalista, é hoje justamente considerado um dos  
escritores mais destacados da literatura portuguesa  
contemporânea. Acresce a isto o facto de Saramago  
constituir também um caso inusitado de popularidade  
de sucesso de público, e de reconhecimento internacional.  
Traduzida em muitas línguas, a sua obra goza de uma  
ampla divulgação, a sua obra constitui uma bibliografia de  
vária dimensão e abrangência, tendo-se nessa bibliografia  
adémicas. O trajecto literário de José Saramago  
apresenta-nos, entretanto, algumas particularidades,  
tendo adquirido uma formação literária e cultural que  
José Saramago pode considerar-se um autor de excepção,  
**Prémio NOBEL da Literatura (1998)** hoje dotado  
de uma cultura vastíssima e multifacetada, a  
de desempenho de diversas profissões (se calhar

# José de Lanzarote



*Milagre q fes Saramago em vençendo o Nobel co'a ajuda de um deus maneta ('Ex-voto: imagem do ateu indiferente ao silêncio dos carrilhões de Mafra)*

Cardeal  
Giovanni Manzinni  
Vaticano

Eminência,

Como quem dá resposta às inquietações que agitavam os meios políticos e ameaçavam fazer cair alguns governantes portugueses (uns por despacho, outros por infarto), desviou o Altíssimo as atenções do mundo para a Real Academia Sueca. E se o Nobel da Literatura não agradou a muitos («podex perfectus es»), teve ao menos o condão de adiar a crise.

Consistiu o milagre de Saramago em ganhar a maior distinção inventada pelos homens para premiar a arte da escrita. E venceu contra a vontade do Vaticano, ao arripio da Câmara de Mafra, e desafiando a opinião de D. Duarte Pio, herdeiro do trono de Portugal. Com este feito, arrisca-se o autor, apesar de ateu, a garantir um lugar no céu. É para este facto, sem precedentes, que chamo a atenção de V. Eminência.

Por se tratar de um «comunista inveterado», no juízo do «Osservatore Romano», subsiste uma dúvida: que estranhos desígnios levaram o Altíssimo, desta vez, a escrever torto por linhas tortas?

Fica-nos, para já, a certeza de que Saramago, como Job, foi posto à prova nas suas convicções. E se o lendário residente no país de Hus perdeu, de um dia para o outro, todo o seu património pecuário, o filho adoptivo de Lanzarote foi atingido de forma ainda mais severa. A falta de boi para o sacrifício, fizeram do Evangelho de Saramago um bode expiatório. E riscaram-no da lista de candidatos ao Prémio Literário Europeu.

Outra provação, para levar à conta dos pecados de autor, tem sido a recusa dos vereadores sociais-democratas em atribuir-lhe a medalha da cidade de Mafra. Lembro-lhe que, antes de reescrever as Escrituras, já o «comunista inveterado» se pusera a imaginar coisas à volta da construção do convento. Podem os seus adversários não ter lido o Memorial, mas não lhes escapou o Evangelho: «Deus não perdoa àqueles que manda pecar.»

Tendo do seu lado apenas o júri do Nobel, o laureado vê-se agora obrigado a defender o prémio contra o parecer do bispo de Bragança: «Nunca li qualquer livro de Saramago, mas fiquei chocado com a forma como tratou a religião católica em 'O Evangelho Segundo Jesus Cristo'.»

Pena que esta capacidade — de ficar

chocado sem ter lido — seja privilégio de bispos, vereadores e subsecretários de Estado da Cultura. Fosse o condão mais abrangente, poupava-se o pretendente ao trono de Portugal de uma dor de cabeça. Ao tentar mergulhar na obra do escritor, D. Duarte não esconde os efeitos da enxaqueca: «Saramago é um autor de leitura difícil e muito pesada, duvido que os membros do júri tenham lido os seus livros.»

Ficámos ainda a saber que o nobelizado também não faz o estilo do deputado Manuel Monteiro, nem de D. Januário Torgal Ferreira, nem de Maria Teresa Horta. Lamenta a escritora que as mulheres portuguesas continuem a ser esquecidas pelos jurados suecos. (O mesmo não se pode dizer das suecas, muito lembradas pelos portugueses.) E revela que «toda a gente sabe que não são os melhores autores que ganham o Nobel». Tem Maria Teresa Horta carradas de razão. Eu próprio não cheguei a ser indigitado. E nem me valeu o facto de não ser mulher.

E por falar em mulher, no caso de José, não me importava nada de ir já para Lanzarote. Ele bem sabe porquê.

A Bem da Canonização,

MÁRIO LINDOLFO

# Nobel



**NUNO  
BREDERODE  
SANTOS**

SARAMAGO ganhou o Nobel. A ele, só fica bem dizer para a televisão: «Ganhámos!» Mas nós, portugueses e até escritores ou meros utilizadores da língua portuguesa, devemos ter a serenidade — que cabe na euforia que eu não condeno — de compreender que foi ele quem ganhou o Prémio Nobel. Como a maratona olímpica foi ganha por Carlos Lopes e não por mim. Foi dele o suor, a mística de aço, a indomável vontade. Eu limitei-me a fruir. E a comover-me, longe das vistas alheias, que é quando o pudor permite deixar cair uma lágrima — daquelas tão pesadas que, em vez de molhar

o chão, partem-se nele. Com Saramago é o mesmo: nunca lhe forneci um substantivo. Há, portanto, algum excesso nesta vozaria de que foi feita justiça a sete culturas de língua portuguesa. Por isso, muito apreciei o cartaz com que, com estonteante rapidez, a Câmara de Lisboa fez inundar a cidade no dia seguinte ao evento: «Parabéns José Saramago». Se o meu imenso amigo José Cardoso Pires tivesse ganho um mais do que merecido Nobel eu não mudava uma vírgula na expressão deste juízo. Mas agora é tempo de denunciar, com cordata frontalidade, algumas coisas a que os críticos e analistas não têm prestado qualquer atenção e que não me parecem de somenos.

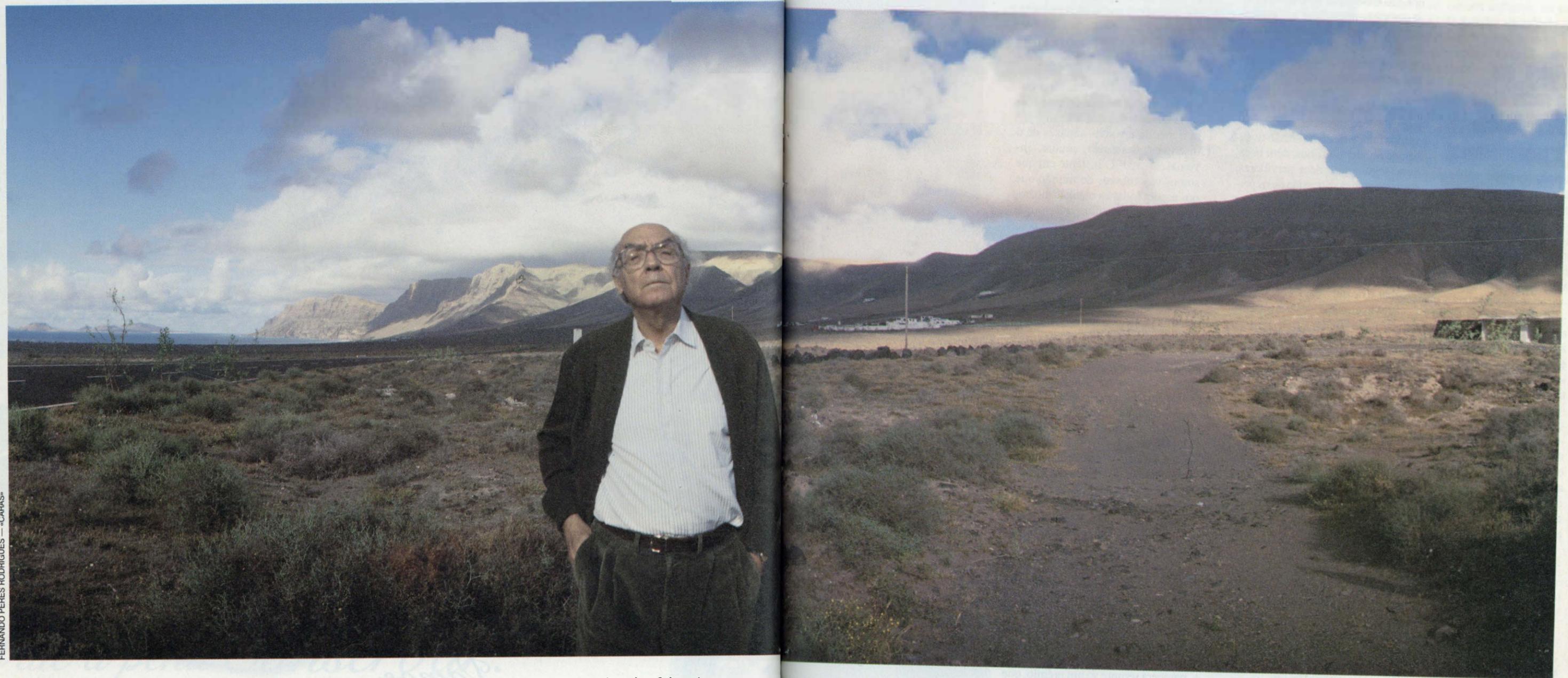
A primeira é que, sem que eu tenha jamais tido para com José Saramago qualquer atitude menos civil ou simpática, ele, friamente, arruinou-me. Há muitos, muitos anos que aposto almoços e jantares com os amigos que, como eu, se dão à maçada de prezar estas coisas das letras. E são tão incontáveis as arrogantes lições de cátedra que distribuí a explicar que «obviamente», quando a Assembleia Sueca se lembrasse da língua portuguesa, o prémio iria para o Brasil (e neste caso e por meu gosto para João Cabral de Melo Neto, pela notoriedade para Jorge Amado), quantas as apostas que fui acumulando. Os irresponsáveis acreditavam mesmo que podia ser um português — oriundo dum mercadinho de dez milhões — a inaugurar a galeria da língua comum. E agora é só credores à porta. Nem com o dinheiro do Nobel eu me desembaraçava airosamente deste engulho. Resta corromper-me, porque pela honradez não chego lá. Mas não dispondo de qualquer poder que atraia corruptores sou bastante céptico quanto a esta solução alternativa. E já comecei a estudar — mais do que a ler — o livro que o Thomas De Quincey não chegou a escrever: «Do suicídio como uma das belas artes».

A outra questão que este prémio me suscita é que a Academia Sueca fez já regressar o Nobel ao romance. Não tenho objecção subjectiva, pois, de entre as inúmeras formas de expressão literária é aquela que me tomou mais

tempo e que me foi mais gratificante. Mas julguei ver no Nobel atribuído no ano passado a Dario Fo uma orientação, ou pelo menos um sinal, de que outros géneros literários iriam começar a sair desse limbo com grades em que os meteram. Veja-se, por exemplo, a tão denegrida literatura panfletária. Tão denegrida que a própria classificação de «panfletário» se tornou pejorativa. Então Tom Paine ou Babeuf não foram excelentes escritores? Está bem, foram incautos e morreram antes do Nobel nascer... Mas como teríamos vivido — e não só acompanhado — a guerra da Argélia e a descolonização sem os luminosos panfletos de Morvan Lebesque? Não era um grande? Outra forma de expressão sempre subestimada — e até por aqueles, como nós, portugueses, que são sem dúvida dos maiores e melhores cultores — é a literatura administrativa. Não podendo, desde já, ser autonomizado o Prémio Nobel do Despacho, ao menos haja um pequeno gesto de reconhecimento. Eu não queria que os suecos voltassem atrás na escolha que fizeram do português José Saramago. Mas há antecedentes de prémios compartilhados, como o caso de D. Ximenes Belo e Ramos Horta há tão pouco tempo ilustrou. E ainda por cima creio bem que seria um português como nós a reparti-lo. Leia-se: «O Evangelho Segundo Jesus Cristo é uma obra que ataca princípios que têm que ver com o património religioso dos cristãos e, portanto, longe de unir os portugueses, desunia-os naquilo que é o seu património espiritual.» Os suecos não acharam, os portugueses também não. E D. José Policarpo, tal como D. Januário Torgal, idem. Mas tinha sido comovente — o «fair-play» de Saramago reconhece-lo-á — ver dois portugueses a repartirem o prémio: um para a literatura romanesca e outro para a administrativa. Saramago e Sousa Lara. De mãos dadas. NOTA. Não sendo embora leitor assíduo, gostaria de perguntar ao «Osservatore Romano»: quantos Papas há no Céu?

**Sem que eu tenha jamais tido para com Saramago qualquer atitude menos simpática, ele, friamente, arruinou-me. Há muitos anos que aposto almoços e jantares com os amigos. (...) Os irresponsáveis acreditavam mesmo que podia ser um português**

# A ODE TRIUNFAL



FERNANDO PERES RODRIGUES — CAPAS

Agora que a nação, com presunção e raivas, estende a passadeira vermelha e entoia a ode triunfal, o homem, cansado, precisa de tempo de parar e pensar o significado destas palavras: Prémio Nobel da Literatura. O lugar do escritor é a língua em que escreve, mesmo na terra de outro idioma; um quarto que seja seu, onde possa conversar com a língua. Este prémio não é de todos nós, é de José Saramago, da linguagem que inventou e da língua em que o fez

Textos de CLARA FERREIRA ALVES

**Agora, que a nação cheia de presunção e pequeníssimas raivas escondidas estende a passadeira vermelha e entoa ao ouvido do escritor a ode triunfal, o homem, cansado, terá tempo de parar e pensar o significado desta palavra: Prémio Nobel da Literatura**

**C**OMEÇA-SE sempre a escrever por algum lado. Talvez por um quarto que seja seu, como proclamava Virginia Woolf. Mas ela referia-se às mulheres.

Para os homens, os homens do seu tempo — que era um tempo em que as mulheres ainda não existiam —, Montaigne escolhera um quarto. Um quarto só para nós, nas traseiras da loja, mantendo-o completamente livre e aí estabelecendo a nossa verdadeira liberdade, o nosso princípio de solidão e de asilo. Aí dentro, a conversa normal deve ser sobre nós, connosco, tão privada que nenhum comércio ou comunicação com o mundo exterior nela deva encontrar lugar; aí devemos falar e rir como se não tivéssemos mulher ou filhos, nem bens, nem seguidores, nem servidores, para que quando a ocasião de os perdermos seja chegada passar sem eles não se torne uma nova experiência. Temos uma alma capaz de se voltar para si mesma; pode fazer companhia a ela mesma; tem a capacidade de atacar, de defender, de receber e de dar. Montaigne dixit.

Provavelmente, para usar um advérbio de um dos títulos de José Saramago, é isto a Literatura, ou o lugar onde se faz a Literatura. Mas ninguém se indigna mais com a mistificação e a ilusão de um escritor separado do mundo, contente na sua solidão, deus e criador de si mesmo. «Sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo», diz o Ricardo Reis de Saramago. Já em 1893, Hugo von Hoffmannstahl reparava que a palavra «moderno» podia implicar, no tempo em que ele falava, duas coisas distintas e apartadas. «Moderno», explicou, significaria análise, reflexão, uma imagem no espelho; ou significaria fuga, fantasia, uma imagem do sonho. Neste sentido, José Saramago seria, em 1998, um escritor moderno, o que em si é já a determinação de ser, estando como estamos no final do século XX, um escritor clássico.

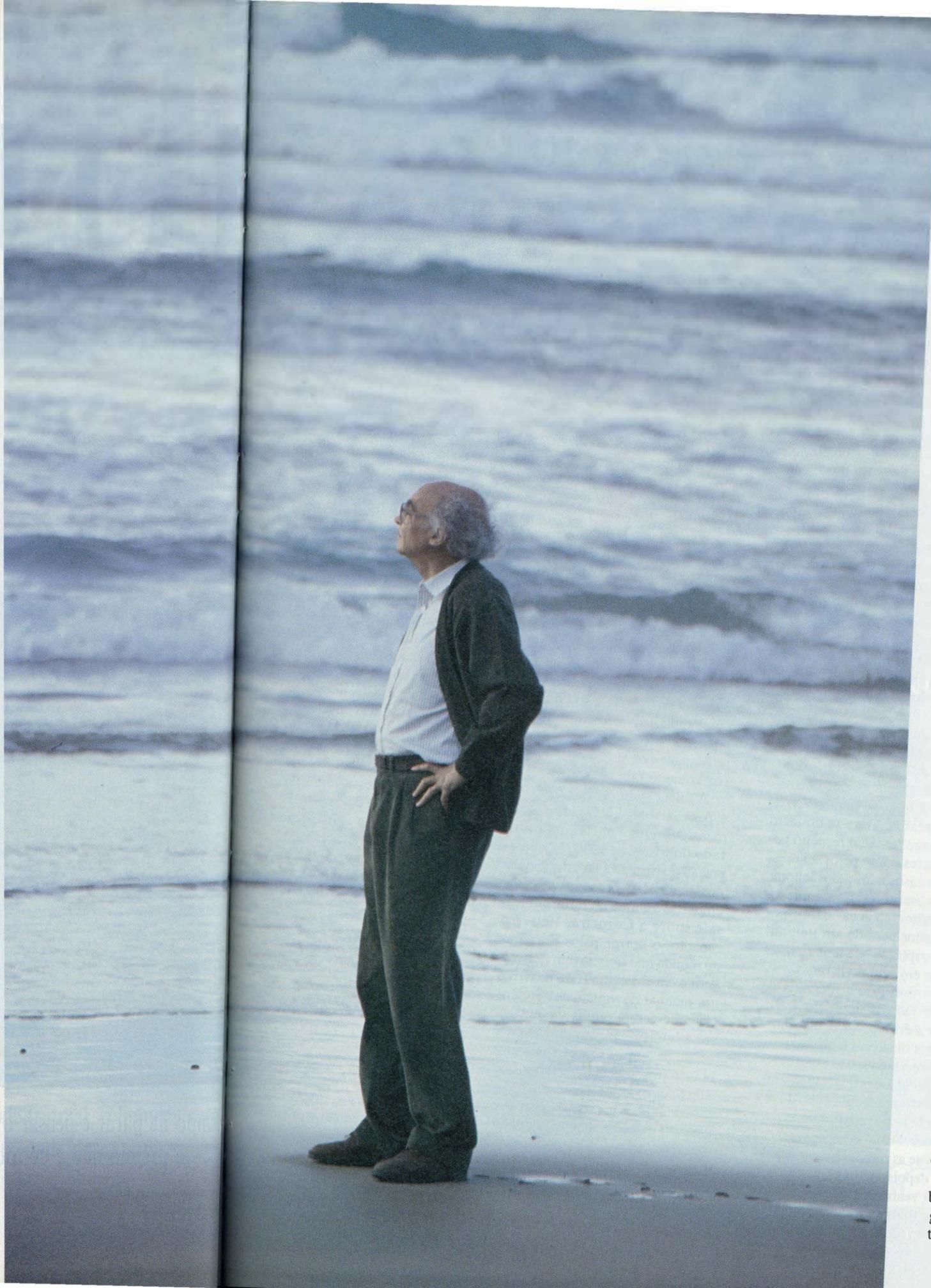
Entre a representação de si mesmo, e da sua face no espelho, e a representação do que lhe é exterior se construiu a vida e obra de José Saramago. Agora, que a nação cheia de presunção e pequenís-

simas raivas escondidas estende a passadeira vermelha e entoa ao ouvido do escritor a ode triunfal, o homem, cansado, terá tempo de parar e pensar o significado destas palavras: Prémio Nobel da Literatura. Na paisagem de terra negra da ilha, onde seres mais frágeis poderiam sucumbir à melancolia ou ao terror da sua mortalidade olhando as pedras queimadas pelos séculos, o homem terá ainda tempo de espreitar o vulcão e concluir que o tempo é nada, só o instante em que somos felizes ou o instante em que despertamos para a harmonia pincelada de cores, os sons da língua, a intensidade de uma metáfora, a força de uma alegoria, a revelação da beleza de uma frase. O instante em que olhamos para o mundo e somos capazes de o inscrever, descrever, mudar, inventar, arrasar. O instante em que somos os senhores do mundo que nos espera todas as manhãs, no horário do escritor, num quarto que seja seu, em conversa íntima consigo mesmo.

E como o mundo que ele escreve parece, ao escritor, uns dias mais outros dias menos, melhor ou pior do que o mundo cá de fora, o escritor é obrigado a sonhar, refletir, pôr o espelho bem em frente da cara e confessar que está vivo e que continuará a escrever. E depois o escritor sai dum quarto que seja seu, e cá fora o mundo permanece múltiplo, um esplêndido paradoxo. Ao lado da dor caminha a alegria, ao lado do ódio caminha o amor, ao lado da miséria caminha a ostentação. E ao lado da glória, e de braço dado com ela, caminha o ressentimento. E do lado de cá do quarto e das traseiras da loja, esperam-no uma mulher, os afectos, as cartas, os amigos, as homenagens, as admirações, as dádivas.

Ao fundo da casa, o mar, uma água tornada silenciosa pela distância e que parece trazer, nas modulações brancas das ondas, o passado. Todo o passado. Nesse instante, um prémio, sendo o prémio maior, parecerá sempre só um prémio, que é menos que uma vida. Numa vida de 75 anos de vigílias e abandonos, de composições e decomposições, alguma coisa se acaba por converter numa obra. E, dessa obra, alguma coisa se acaba por converter

FERNANDO PERES RODRIGUES - 'CARAS'



num prémio, que até pode ser, por coincidência, o prémio mais importante do mundo. Para um escritor.

A inexistência em Portugal de uma tradição crítica com consistência e a inexistência de autoria de biografia literária, com o mínimo de respeito, conhecimento, enquadramento histórico e trabalho de detective que só a empatia com a obra do escritor consente, determina que não exista por estas bandas um livro, ou um trabalho, ou um conjunto de estudos de referência sobre o autor. A apreciação da vida e do tempo que a José Saramago coube viver — «his life and times» — foi sempre feita de modo fragmentado e incoerente, descambiando ora na hagiografia ou retrato afectuoso e sentimental, ora na chacota e na chalaça, ora na polémica e na transgressão. Mal entendido e pouco lido, em todo o caso muito menos lido do que criticado pelas suas heterodoxias religiosas ou as suas convicções ou intransigências comunistas, Saramago foi ele mesmo o intérprete e o exegeta da sua obra, o seu autor e o seu explicador, em muitas e variadas entrevistas e textos esparsos de jornais — e aos jornais se deve o grosso e talvez o que de melhor e mais certo se escreveu sobre ele —, aos quais já se refere laconicamente nos *Cadernos de Lanzarote*, volume V. A propósito da publicação de *Todos os Nomes*, o escritor anota, em dias de monotonia: Entrevistas. Mais entrevistas. Nada, ou quase nada, o parece surpreender ou emocionar no labor obrigatório do autor que promove o seu livro, um labor a que ele se dedicou com um profissionalismo e uma disciplina raros e esforçados, que deixariam muita gente exausta.

E, se se quiser falar de José Saramago, talvez fosse bom começar — antes de entrar no quarto dos fundos, no sacrossanto lugar da escrita e no rol dos elogios — pela disciplina. O controlo, a persistência, a coragem, traços característicos do autodidacta. Não há muitos Prémios Nobel que tenham sido serralheiros mecânicos, creio ser ele o primeiro.

Nascido na Azinhaga do Ribatejo, terra que não consta da geografia literária convencional, terra de portugueses pobres e ►

**Quem vem para a Literatura de um lugar tão distante dela, quem vem por mérito próprio, escolhendo os seus mentores e professores, os seus precursores, não esboroa sobre as dificuldades do caminho de migalhas de romantismo**

► remediados, vivendo do sustento do torrão, Saramago foi para Lisboa muito cedo, aos dois anos, e foi na cidade que cresceu e se educou. O pai, de serviço no Teatro de São Carlos, guardador dos perigos físicos do lugar, levava com ele o miúdo que, encarrapitado no galinheiro, assistia às óperas e ao espectáculo do mundo que o palco oferecia. Era um simulacro, mas o simulacro interessava-o, atraía-o irresistivelmente o barulho das vozes, os gemidos dos sopranos, a fúria dos sentimentos, o coro das paixões, o baile das personagens deslizando no meio do som e da fúria. Foi uma das primeiras viagens do escritor pela fantasia, e outras lhe estariam reservadas em letra miudinha, dentro dos livros, nas bibliotecas e sobretudo na Biblioteca do Palácio das Galveias, para onde ia à noite, fugido ao emprego de burocrata e à vidinha, buscar o resto da alma que lhe faltava. Ele afirma que não foi uma criança infeliz e foi uma criança amada, apesar da modéstia da casa e da inexistência de estantes recheadas de sonhos encadernados e de poltrona onde os saborear. Hoje, quando o vemos sentado na Feira do Livro do Parque Eduardo VII, todos os anos, assinando com afinco os livros que lhe pedem, sorrindo aos leitores, recebendo-os com uma amabilidade tão distinta da segura e dureza que lhe atribuem, percebemos que não se trata de vender livros ou a sua pessoa. Trata-se do facto de Saramago ter tanto respeito pelos escritores como pelos leitores, e nalguns casos mais pelos leitores que pelos escritores. E sabe que todo o escritor começa assim, por ser um leitor perdido em mil, milhões de espíritos que tentam fazer a viagem em sentido inverso.

Quem vem para a literatura de um lugar tão distante dela, quem vem por mérito próprio, escolhendo os seus mentores e professores, os seus precursores, não esboroa sobre as dificuldades do caminho migalhas de romantismo. Parte do caminho é feito por amor, a outra parte por suor. Nada de bagatelas. Dispensam-se as piedades. Ler para escrever depois significa resistência ao sono, reunião das qualidades do homem, revisão dos defeitos, amolecimento dos desesperos, busca

de um magistério e da resposta à mais velha pergunta bíblica, a de Pilatos: «O que é a verdade?» Há quem lave daí as mãos e torça o caminho em sentido contrário. Há quem siga em frente, até o peso dos anos e da experiência reduzirem a absoluta solidão do criador — essa existe, essa é verdadeira — a uma relativa, muito relativa serenidade.

Até aqui chegar, Saramago, como todos nós, comete erros e enganos, mas existe quem exija mais. Querem que ele diga: confesso que pequei. Mas o pecado, para quem lamenta a ausência de um Deus todos os dias e se diverte com o espectáculo de um mundo de deuses inventados para matar, é uma noção menos do que abstracta. É uma noção inexistente. O nosso Deus nunca é o Deus do outro, e um combate o outro, e estoutro um terceiro, até que todos se matam entre si. Para Saramago, estes deuses não fazem sentido, mas os homens que os criam muito menos. Ele preferiria uma doutrina sistemática, não intrinsecamente bondosa mas que aspirasse a uma certa justiça, uma certa igualdade, homens mais limpos e mais pacificados. Militante comunista que não descurou o crítico comunista, também esta doutrina procuraria à sua maneira um mundo mais normalizado, menos caótico. Mas a doutrina, doutrina humana por humanos feita, peçou como as outras.

A falência do modelo marxista é, para Saramago, a falácia dos homens. A primordial. Se em **Levantado do Chão**, de 1980, só a apreciação da tristeza e da infelicidade dos homens o preocupava e lhe empurrava a mão literária, em **Ensaio sobre a Cegueira**, 1995, é o espanto, o horror pelos desastres do mundo que o comovem e envolvem e enraivecem. Todo o livro é um manual de violências, violências que geram outras violências, até a humanidade brutalizada ser arrastada numa colectiva cegueira branca, instantânea, cegueira que a reconduzirá, por hipótese, à recuperação da visão. Só sabemos que temos o que temos quando perdemos o que temos. A alegoria, o carácter simbólico das acções, a parábola moral são outras constantes de José Saramago, e constantes que fazem sentido.

O autodidactismo dos verdes anos, os primeiros amores pelos clássicos, sejam Montaigne ou Vieira, Cervantes ou Camões, os russos ou os ibéricos, os portugueses ou os latino-americanos, os da poesia ou os da prosa — embora o pendor seja de prosador, e para os lados do romance, do ensaio histórico ou do filosófico caminhe a pena —, conduziu o autor à demanda do Graal: a procura da virtude. Parte da dureza do carácter de José Saramago e da dureza da estátua de pedra que a obra e o tempo esculpiram por estes anos dentro — palavras suas no volume V dos **Cader-nos de Lanzarote**, as de que só agora, depois de ter trabalhado a estátua, chegou à matéria de que ela é feita, a pedra que está dentro dela — é lacerada pelo reconhecimento de que o mundo é um lugar injusto e, provavelmente, sem virtude. Provavelmente, sem alegria, ao contrário do título do livro de poemas.

**Memorial do Convento**, de 1982, abre com uma citação de Marguerite Yourcenar: «Sei que caio no inexplicável, quando afirmo que a realidade — essa noção tão flutuante —, o conhecimento o mais exacto possível dos seres é o nosso ponto de contacto, e a nossa via de acesso às coisas que ultrapassam a realidade.»

E, no entanto, a vida de José Saramago, a vida do escritor e a do homem, tantas alegrias lhe trouxe. Às vezes, confessa, tem a ilusão de que vive a vida de outrem, uma vida que lhe teria sido emprestada. Por quem? A que deus agradecer? Se a vida ultrapassou a realidade, também é verdade que foi a tentativa de ir ao encontro dos outros, do conhecimento exacto dos outros, que lhe entregou a explicação de uma felicidade quase inexplicável. E o reconhecimento, mais importante do que o conhecimento, do amor. A dureza de José Saramago oculta uma macieza e uma sageza que não mostra a curiosos nem para satisfação dos estranhos. Se a mostrasse, acusá-lo-iam, ainda, e de novo, de estar a tentar vender um produto, como continuam a acusá-lo. É mais fundo do que isto, ou é isto que ele escreve a propósito de **Levantado do Chão**: «Um escritor é um homem como os outros: sonha. E o meu sonho ►



EL PAÍS

**A dureza de José Saramago oculta uma macieza e uma sageza que não mostra a curiosos nem para satisfação dos estranhos. Se a mostrasse, acusá-lo-iam, ainda, e de novo, de estar a tentar vender um produto, como continuam a acusá-lo**

► foi o de poder dizer deste livro, quando o terminasse: 'Isto é o Alentejo.' Dos sonhos, porém, acordamos todos, e agora eis-me não diante do sonho realizado, mas da concreta e possível forma do sonho. Por isso me limitarei a escrever: 'Isto é um livro sobre o Alentejo.' Um livro, um simples romance, gente, conflitos, alguns amores, muitos sacrifícios e grandes fomes, as vitórias e os desastres, a aprendizagem da transformação, e mortes. É portanto um livro que quis aproximar-se da vida, e essa seria a sua mais merecida explicação.»

De todos os romances do escritor se poderia dizer a última frase. Até de um dos dois romances mais extraordinários que, a meu ver, escreveu, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 1984. Outro romance extraordinário seria, evidentemente, *Todos os Nomes*, 1997, onde o processo de Ricardo Reis se completa. O mistério de um nome, de todos os nomes. Não se esqueçam de que «Ricardo Reis regressou a Portugal depois da morte de Fernando Pessoa».

Devedor e admirador de um poeta como Pessoa, reconheça-se em Saramago a embirração que a pessoa de Pessoa lhe provoca por mor de um intelectualismo dormente, um pouco niilista, um pouco febril e anestesiado, que repugna ao lutador e ao crente na capacidade da vontade humana. Pessoa, aquele que recusou aproximar-se da vida, aquele que recusou, como o heterónimo escreveu, «*ser de companhia*». A Pessoa deve Saramago o seu Ricardo Reis e a invenção de uma Lisboa tão esplendorosamente solitária e desolada, habitada por fantasmas e silhuetas que deslizam sobre o empedrado, como a Lisboa de Pessoa. Assim:

«A tarde está muito bonita. Ricardo Reis desceu ao Chiado, a Rua Nova do Almada, queria ver os barcos de perto, da beirinha do cais, e quando atravessava o Terreiro do Paço lembrou-se de que em todos estes meses nunca fora ao Martinho da Arcada, naquela vez parecera a Fernando Pessoa que seria imprudência desafiar a memória das paredes conhecidas, e depois não calhou, nenhum deles se lembrou mais, ►

**Lisboa é só uma, e é sempre a mesma. Uma cidade cercada, de cujo cerco ele escreveu a história. Uma cidade amada como uma mulher, e é disso que trata a «História do Cerco de Lisboa», 1989, o primeiro romance que José Saramago dedicou a Pilar del Río, a mulher, um nome que contém, para ele, hoje, todos os nomes**

► **Ricardo Reis ainda tem desculpa, ausente tantos anos, o hábito de frequentar aquele café, se o chegou a ter, quebrara-se com a ausência. Também não irá lá hoje. Os barcos, vistos do meio da praça, pousados sobre a água luminosa, parecem aquelas miniaturas que os comerciantes de brinquedos põem nas montras, em cima de um espelho, a fingir de esquadra e porto de mar. E, de mais perto, da beirinha do cais, pouco se consegue ver, dos nomes nenhum, apenas os marinheiros que vão de um lado para o outro no tombadilho, irreais a esta distância, se falam não os ouvimos, e é segredo o que pensam.»**

Esta Lisboa mansa, neurasténica, por detrás dos vidros embaciados dos olhos molhados de saudade — todo o cais é uma saudade de pedra — é também a de Cesário, a de todos nós. Pela cidade deserta e húmida esvoaçam memórias, segredos, fantasias, mantos diáfanos que cobrem as vidas de todos nós. Um dia, como agora vemos deslizar pelo Cais das Colunas em certas horas violeta o vulto de Pessoa, veremos a descer uma travessa da Madragoa, a dobrar uma esquina de vento, o vulto de Saramago, um pouco curvado, alto, o passo estugado e seco. O homem está na sua ilha de luz, mas o escritor deixou por aqui pedaços de si, pedaços que regressam dentro dos livros, espalhados pelo meio das páginas.

Lisboa é só uma, e é sempre a mesma. Uma cidade cercada, de cujo cerco ele escreveu a história. Uma cidade amada como uma mulher, e é disso que trata **História do Cerco de Lisboa**, 1989, o primeiro romance que José Saramago dedicou a Pilar del Río, a mulher, um nome que contém, para ele, hoje, todos os nomes.

Se o romance anterior, **A Jangada de Pedra**, era um romance de tese, uma Península Ibérica que profeticamente se liberta da Europa e navega Atlântico fora, um livro de evasão de um território desconhecido — uma Europa política, mercantil, unificada à força, que desencadeia no escritor um anti-europeísmo arreigado e céptico —, **História do Cerco de Lisboa** é um romance de regresso à pátria dessa «raça de inquietos» que se

afastara na sua jangada de pedra. Mas as obsessões, as obsessões que percorrem toda a obra do autor, permanecem iguais, repetidas, estão em todos os lugares da sua novelística, e antes dela nas compilações das crónicas de jornais, as mais belas reunidas sob o belo nome de **A Bagagem do Viajante**, 1973. São, em resumo exemplar, o que ele escrevera n' **A Jangada de Pedra**: «(...) o breve e inconcluso diálogo sobre o sentido dos nomes e o significado dos sonhos.»

Foi num sonho que lhe apareceu o nome d' **O Evangelho segundo Jesus Cristo**, 1991, e é um sonho toda a história da construção desse sonho megalómano chamado **Convento de Mafra**, a história de **Memorial do Convento**, escrito quase dez anos antes. Estes são os dois romances mal amados e mal entendidos e mal lidos de José Saramago. E os dois romances que contribuíram, por excesso e defeito, para a sagração. Um, porque toda a gente diz que o leu e que gostou muito mas que tem muita pena de só ter lido esse. O outro porque ninguém o leu e toda a gente diz que não gostou nada porque é ininteligível e irreligioso. Soube-se agora que nem um nem outro, pelo menos o primeiro, constam dos programas escolares dos estudantes portugueses. Será, ainda aqui, preciso o Nobel alheio para nos devolver o que sempre nos pertenceu. Saramago aprecia a contradição, mas a ironia suscita-lhe reserva mental que não favorece a pátria nem a contemporaneidade. **Memorial do Convento**, história de Baltasar e Blimunda, é o livro em que o narrador onisciente o omnipresente de Saramago apresenta pela primeira vez aos leitores uma voz original, inconfundível, o que se convencionou chamar pelo dogma e pela tradição estilo. Do livro saiu a ópera **Blimunda**, musicada por Azio Corghi, e de **Blimunda** se pode dizer que saiu o convite para a ópera **In Nomine Dei**, 1993, encomenda dos alemães que os portugueses nunca viram.

O estilo Saramago, se já se denunciava nas crónicas e nos romances anteriores, instala-se neste romance com uma pujança de retórica clássica, barroca, que descende em linha recta de Vieira, com poalha doirada do Século de Ouro espa-

nhol. **Levantado do Chão** entronca numa árvore realista, de ramos eriçados de preocupações sociais, militantes, empenhadas, uma certa ingenuidade que estava presente em **Terra do Pecado**, «obra de juventude» de 1947, agora reeditado pela Caminho. **Terra do Pecado**, só pelo nome, soa a filme italiano dos anos 40, a preto e branco, sofrido, dorido, neo-realista. **Memorial do Convento** alija a prosa da pesada canga e liberta-a, dá-lhe as asas do sonho, um onirismo operático que não será estranho aos sonhos do menino José, empoleirado no varandim de São Carlos a ouvir Verdi e Puccini, divagações cantadas, ficções de um tempo histórico nascido da imaginação. E um sopro bíblico, que se reencontra plenamente em **O Evangelho**. Cristo, essa figura misteriosa de homem feito Deus que excita a imaginação do autor, já estava no **Memorial** e reaparece, para mal dos pecados da Igreja Católica e do seu Dogma, como a personagem principal deste Evangelho em que o seu nome se transforma e é de Jesus que se fala. A distinção entre Cristo e Jesus, que passou despercebida, é fundamental para compreender a antipatia de Saramago por um, o Cristo «paga por todos», e a simpatia por outro, um menino de sua mãe. E Deus, onde está? Pilatos perguntava onde estava a verdade, a pergunta é sem resposta.

«**Deus é Deus, não tem remorsos, Pois eu, se já levo esta carga de ter de morrer por ti, também posso aguentar os remorsos que deveriam ser teus, Preferia poupar-te, de facto não tens feito outra coisa desde que nasci, És um ingrato, como são todos os filhos, deixemo-nos de fingimentos, diz-me o que vai ser a Inquisição, a Inquisição, também chamada Tribunal do Santo Ofício, é o mal necessário, o instrumento cruelíssimo com que debelaremos a infecção que um dia, e por longo tempo, se instalará no corpo da tua Igreja (...).**»

Este diálogo entre o Pai e o Filho, o diálogo entre o Pai que ordena ao Filho que morra por Ele, é uma das chaves para a compreensão do que os ignorantes como o senhor Sousa Neto de Eça de Queiroz e o senhor Sousa Lara — Sousa quem? — consideram o desvio ►



FERNANDO PERES RODRIGUES - 'CARAS'

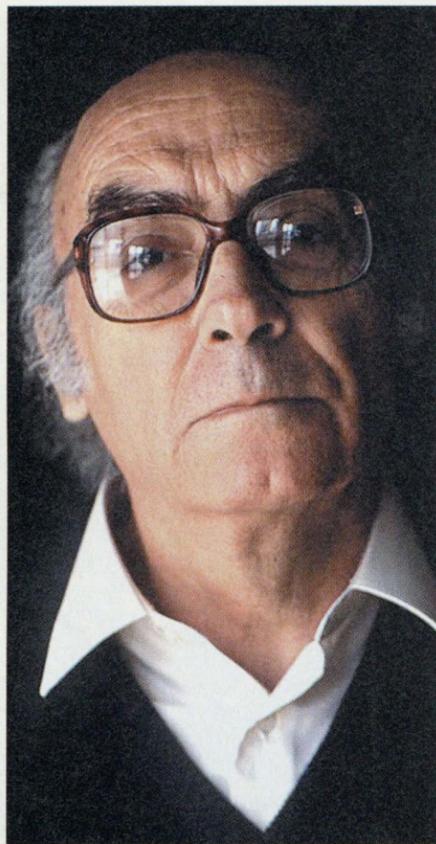
**O mundo fundamentalista cristão quer fazer de Saramago não um iconoclasta mas um apóstata do comunismo, e o comunista recusa, com a competência e a teimosia que se lhe reconhecem. Talvez o «comunista inveterado» devesse ser isolado e colocado num frasco com formol**

► iconoclasta de José Saramago, para o qual, nem cristãmente, deve ser concedida misericórdia artística ou literária. Passa a anedota e sobra a nota do «Osservatore Romano» depois de o Vaticano saber do Nobel. O jornal refere-se a um «comunista inveterado», espécime que pelos vistos não deve fazer parte da raça humana. O mundo fundamentalista cristão quer fazer de José Saramago não um iconoclasta mas um apóstata do comunismo, e o comunista recusa, com a competência e a teimosia que se lhe conhecem. Talvez o «comunista inveterado» devesse ser isolado e colocado num frasco com formol. Mas só o vírus da ignorância provoca a infecção contagiosa.

«Pai, afasta de mim este cálice», diz o filho, «Que tu o bebas é a condição do meu poder e da tua glória», diz o pai. Do «meu» poder e da «tua» glória, leve-se em conta a distinção. É distinção feita por um homem que está em estado de quase permanente vigília da comédia humana, da sua tragédia metafísica de caminhar cega, julgando que vê, para uma morte consentida por um Deus todo-bondoso. Um homem que se recusa a abandonar os homens, que lhes dedica a sua prosa, uma prosa cada vez mais desesperada, mais desconsolada, no largo desolado deste planeta terra em que oitenta por cento morre de fome para que vinte por cento possa morrer farto. Os que acusam José Saramago de se rebolar no sucesso e na pecúnia da obra não o conhecem. O homem continua frugal e é generoso. O escritor não é uma ficção de José Saramago sobre José Saramago, personagem inventada. O escritor e o homem coincidem, num mesmo e único nome, nome que lhe deram e voltam a dar cada vez que falam nele, mas que não se desvenda para além do que lhe pedem. Não lhe peçam para dizer sobre si, como no verso do António Nobre, «Ai do lusíada, coitado!» Não faz o género.

O espelho de Sócrates no quarto de Montaigne, o espelho que diz que a vaidade e a frivolidade não são inerentes ao espelho mas derivam do uso que fazemos dele. No quarto dos fundos da casa, a casa voltada para a luz e o mar, o escritor está sempre só. Se não ►

# Abaixo de cão?



**E**XISTE, na casa da ilha de Lanzarote, um mistério. A casa é clara, virada nascente e a poente, virada para todos os lugares, com o mar ao fundo, e o jardim, e o perfume das flores, e o riso da família, e todas as coisas que cercam e enfeitam uma casa feliz. A casa começou por ser um projecto, uma folha de papel branco, traços de arquitecto e rascunhos sonhadores da Pilar, congregando uma libertação do cerco de Lisboa, cuja história até começou a ser escrita por causa dela. Ou com o conhecimento dela.

Não que Lisboa se tivesse tornado pesada, mas os tempos não eram tão triunfais como os que vivemos hoje, e colhiam-se pequenas infâmias em jornais e corredores, ao virar da esquina. De vez em quando, ao jantar, à sombra de um bom vinho tinto e um daqueles gaspachos andaluzes cuja perfeição me escapava, a Pilar insinuava um lugar, um outro lugar, talvez uma ilha, uma

ilha nas Canárias, vulcânica e misteriosa, e de pedras negras, suavidade de deserto para o escritor. O escritor recuava um pouco, punha a mão na cara, coçava a barba feita e reprendia, bem vê, oh Pilar, se eu deixo Lisboa acabo por deixar a língua e isto de deixar a língua... Verdade, começava eu, a não ser que se passe a falar só português lá em casa, nessa tal casa por construir, onde não se perca por esquinas e entre paredes a língua de Camões, vá lá, de Vieira. Cuidado com a língua, começa-se a pensar em castelhano e escreve-se em português. Cuidado. Enquanto eu falava a defesa da língua, falava sempre em espanhol com a Pilar, e quando éramos só três à mesa, só o José Saramago permanecia, imperturbado, em português. Eu defendia, em espanhol atabalhoado, a eternidade do idioma lusitano. O espanhol tal qual se fala era para não perder o treino, desculpava-me, enquanto a Pilar me mandava falar português, em espanhol. Ha-

bla português... Hoje, falamos ela e eu um espanholês de primeira classe, misturado e perfeito como um gaspacho andaluz.

Regressando à casa, a Pilar avançava nos projectos, eu achava a casa bonita, maravilhosa, todos os adjectivos e lugares comuns da coisa. O tempo e a força da Pilar foram desenhando uns planos, cavando uns alicerces, erguendo umas paredes, abrindo umas janelas, guardando o espaço para um jardim, flores, e, evidentemente, o escritório, o lugar do escritor. O José argumentava uns dias que estava demasiado avançado para mudar de casa, outros que se podia mudar de casa a todo o tempo, sendo rematada loucura. Mudou-se. Um milhão de livros às costas.

Fazem-me falta os dois, por estas bandas. Ao princípio eu ia mais a Lanzarote, tinha mais tempo livre, e ia assistindo ao crescimento da casa, à realização do paraíso em que a casa se tornava. Ninguém, na-

quele lugar, ia morrer de saudades da pátria. Lembro-me de que no primeiro ano passado na casa, fizemos uma fogueira de São João, um desses santos populares, e o «**sisudo, seco, duro e frio**» (Ah! Ah!) escritor José Saramago, saltou a fogueira como uma criança, com as pernas muito altas, enquanto as senhoras soltavam gritinhos de chamusco. A Céu, amiga de sempre, lamentava a nossa falta de tacto.

Não tenho ido como dantes. Lisboa acaba por pendurar-nos uma grilheta no pé, e acabei muitas vezes a estar com eles por razões de uma entrevista de circunstância, ou de televisão, recordações não muito boas para ambos, obrigados ao «directo cultural» da RTP 2, às duas da manhã. Nunca a gentileza de José Saramago me disse que não, mas o cansaço, à hora tardia, era evidente. Ficava, nessas alturas, com saudades da casa e da fogueira, e com vontade de lá ir pedir asilo, que de resto sempre me

ofereceram. Sugeriram que largasse a urbe e fosse para a ilha escrever, para mim e não para vender em papel de jornal.

A casa tem um mistério. Não sou só eu que penso nela como um lugar do paraíso. Os cães vadios ou abandonados das vizinhanças foram aparecendo pela Calle Fraternidad – é verdade, é a morada deles, rua da Fraternidade – e hoje a casa conta não sei quantos animais à solta. Resgatados primeiro e adoptados depois, nunca mais de lá quiseram sair. Têm nomes vários, que não divulgo porque os cães têm direito ao anonimato. Não sei se o número tem crescido nos últimos tempos, mas pelas minhas contas, os bichos da ilha estão avisados que ali não se fecha a porta a ninguém. Ou seja, ninguém é tratado abaixo de cão. E abaixo de cão é bom, muito bom, porque os cães são tratados como gente grande. Não sei qual a língua oficial dos caninos. Hei-de perguntar. Haverá já um felino? ■

► tivesse o espelho, por que diabo escreveria? Escrever é como encostar uma lâmina à face, ameaçar a jugular: sem espelho, podemos cortar, cortamo-nos de certeza. E, como escreveu Montaigne nos *Essais*, III, «é preciso viver entre os vivos».

Tal como Montaigne, um dos seus mestres, Saramago sabe que não existe uma verdade, o espelho tem sempre duas faces, mas insinua a existência de uma verdade única e total, absoluta, tem a nostalgia da resolução de todas as contradições. É da dúvida que vem a certeza, é pela dúvida que começamos a emendar a desordem do mundo. A destruição sistemática do dogma religioso não faz dele um ser humano irreligioso, pelo contrário. Os que acreditam num único Deus nem poderiam admitir, pela contradição inerente, um ser humano irreligioso. A não ser que todos os homens sejam iguais, criados pelo mesmo Deus, mas uns sejam mais iguais do que outros, na fórmula perfeita de Orwell. Todos os Nomes é também sobre isto, mas é um romance com veios de esperança. No final do *Ensaio sobre a Ce-*

*gueira* a esperança desponta, ténue, alguma coisa começa de novo. Há quem chame a isto uma consciência, quem veja nisto uma espiritualidade, quem se agarre, para não ousar, a um ponto de vista moral. O ponto de vista moral, na literatura como na vida, não está na moda. A cultura da celebridade em que vivemos elegeu o manequim e o príncipe de televisão como exemplos da vida pública, e de caminho ganhou ódio ao escritor. Em Portugal conhecem Eça, Pessoa e Saramago. Onde está Camões?

Que fizemos da educação literária portuguesa? Seria possível, em Inglaterra, esquecer Shakespeare? Em Itália, Dante? Na Grécia, Homero? O que fizemos dos nossos escritores? O escritor contemporâneo, português ou estrangeiro, aceitou o «newspeak» orwelliano, submeteu-se ao predicamento e ao declínio, deixou que o catalogassem, encaixassem, embalsassem. Tornou-se um produto e uma mercadoria. Restam alguns insubmissos, e o Prémio Nobel, se mais méritos não tivesse, tem pelo menos o de premiar uns tantos insubmissos e deixar de fora outros tantos, famosos

pela insubmissão. Não Ter o Nobel e ser acusado de Não Ter o Nobel tornou-se tão importante como Ter o Nobel. Lembrem-se de Borges e Greene. Antes de Ter o Nobel, Saramago Não Tinha o Nobel.

O lugar do escritor é sempre e só o da língua em que escreve mesmo que escreva na terra duma outra língua. O lugar do escritor é aquele quarto que seja seu, donde pode conversar com a alma. O prémio, este prémio, é só de José Saramago, da linguagem que ele inventou e da língua em que ele escreve. Não é de todos nós, é dele. No limite, sentimo-nos honrados com ele por causa dele, mas tempos houve, não muito distantes, em que escrever que ele era candidato ao Nobel era considerado uma invenção de José Saramago para promover José Saramago.

A pátria pressurosa vem homenagear, em ode triunfal. Era bom que não pusesse de lado as ignomínias que cuspiu. Afinal, temos no estrangeiro, por razões ou por outras, quase todos os grandes nomes que temos. Será por lhes chamarmos, quando eles vivem entre nós, todos os nomes?

Ou só alguns nomes? ■

**O lugar do escritor é sempre e só o da língua em que escreve, mesmo que escreva na terra duma outra língua. O lugar do escritor é aquele quarto que seja seu, donde pode conversar com a alma**

Visite o novo apartamento modelo com 200 m<sup>2</sup>

**UM GRANDE APARTAMENTO COM VISTA PARA UM JARDIM DE 140 HECTARES.**



Belas Clube de Campo: Apartamentos • Lotes para moradias com área média de 2000 m<sup>2</sup> • Campo de Golfe • Serviços de apoio doméstico • Colégio • Centro desportivo • Apartment Club • Zona comercial.

Contacte o Departamento de Vendas: 962 61 10 ou consulte Internet <http://www.belas-clube.com>

Terraços de Belas: Apartamentos de 2 a 8 assoalhadas em edifícios de 4 pisos • Acabamentos em materiais nobres • Soalhos de carvalho • Lareira • Aquecimento central • Pré-instalação de ar condicionado • Aspiração central • Segurança electrónica • TV Cabo • Estacionamento privativo • Piscina

**BELAS**  
CLUBE DE CAMPO



Saramago: dezenas de livros, inúmeras traduções, na busca da palavra e de todos os nomes

# Meio século de livros

Uma inesperada aventura literária para quem soube esperar, gerindo sabiamente o tempo e o talento

Texto de FRANCISCO BELARD

**J**OSÉ Saramago nasce a 16/11/1922 na aldeia ribatejana da Azinhaga (Golegã). Sousa, um dos seus apelidos, não passará a assinatura literária, trocado (após um lapso no registo de nascimento) por Saramago, até aí alcunha familiar. De origem camponesa, trazido ainda menino para Lisboa, não poderá ir além dos estudos secundários, o que não o impede de aceder a meios politizados e intelectuais, onde se vai afirmando o gosto pela leitura e pela escrita, nos intervalos das mais diversas profissões. Carreira — sabemos-lo hoje — várias vezes suspensa, marcada por intervalos, às vezes longos, em que — hoje também — não devemos falar de desistências. Saramago, cujo recente Nobel justamente se celebra, concebe os seus principais romances a partir do final dos anos 70; é já há muito um nome conhecido, mas a irradiação literária desse nome pelo mundo inte-

ro ocorre numa fase da vida em que muitos já pararam ou se desiludiram — perto dos 60 anos de idade. Tarde, mas ainda em momento oportuno, Saramago será o mais persistente, elogiado e duradouramente premiado, dos raros que em Portugal conseguiram fazer da literatura uma actividade profissional — no seu caso a tempo inteiro, digamos, desde 1976.

Em 1924, os pais de José vieram trabalhar para Lisboa. Na capital, o jovem frequenta o ensino liceal e técnico e exerce o seu primeiro ofício: serralheiro mecânico. As dificuldades da família não lhe permitem prosseguir os estudos, mas exercerá muitas outras profissões: desenhador, funcionário de saúde e previdência, editor, tradutor, jornalista. A par de uma militância política mais nítida a partir da década de 70, à qual perto de trinta anos depois se manterá fiel. Mas a lealdade de Saramago ao seu compromisso ideológico e práti-

co com o PCP não o impedirá, já numa fase de renome internacional, de afirmar formas de descrença pouco correntes na sua família política — por exemplo, o cepticismo sobre a possibilidade de mudar a natureza humana. Não propomos aqui uma apreciação de fundo ou de conteúdos da obra de José Saramago, muito menos das suas escolhas políticas e cívicas, mas apenas a indicação, aproximadamente cronológica, de algumas datas e pontos de referência numa carreira que suscita cada vez maior atenção crítica, por parte dos mais diferentes olhares e gerações.

Em 1944 casa pela primeira vez; nasce uma filha, Violante. É em 1947 que se estreia no romance com **Terra do Pecado**, na Editorial Minerva (reed. Editorial Caminho, 1997). Começa assim uma longa carreira, diversas vezes interrompida, cujo resultado todos estão nessa altura muito longe de ►

► prever. Só quase duas décadas depois (em 1966) publicará, na colecção «Poetas de Hoje», da Portugália, **Os Poemas Possíveis** (reed. Caminho, 1992).

Em 1969 adere ao PCP, ao qual a forma marcelista da ditadura não augura possibilidade de legalização. Em 1970 publica o segundo livro de poemas, **Provavelmente Alegria**, na Livros Horizonte (reed. Caminho, 1985). Em 1971 está na redacção do «Diário de Notícias». Na Arcádia, publica **Deste Mundo e do Outro** (reed. 1986). Em 1972/73, no «Diário de Lisboa», é comentador político e durante alguns meses coordenador do suplemento cultural. Reúne crónicas escritas para «A Capital» e o «Jornal do Fundão» sob o título **A Bagagem do Viajante** (Futura, 1973, reed. 1986). Em 1974, edita («Seara Nova»/Futura) **As Opiniões que o «DL» Teve**, reunindo textos saídos no vespertino.

Em Abril de 1975 é director-adjunto do «DN». Deixa o jornal com o 25 de Novembro. A veemente militância desse período (que não repudiará) tornam difícil adivinhar o Saramago quase consensual, ácido mas cortês, que o mundo conhece hoje. Publica novo livro de poemas, **O Ano de 1993**, na Futura. Em 1976 sai o livro **Os Apontamentos**, onde reúne editoriais e crónicas do «DL». Em 1977 regressa ao romance com **Manual de Pintura e Caligrafia**, na Moraes Editores. No ano seguinte, um livro de contos, **Objecto Quase**, ainda na Moraes (reed. 1984, Caminho). Em 1979 surge a sua primeira obra dramática, **A Noite** (Caminho), e escreve para a Bertrand «O Ouvido», no volume colectivo **Poética dos Cinco Sentidos**.

Em 1980 sai o romance **Levantado do Chão**, na Caminho, que passou a ser a sua editora regular em Portugal. A CML atribuiu-lhe o Prémio Cidade de Lisboa. Publica a peça **Que Farei com Este Livro?** Em 1981 entrega ao Círculo de Leitores o texto para o volume ilustrado **Viagem a Portugal** (reed. Caminho, 1984, com novas fotografias, só a partir de 1991 se seguindo edições estrangeiras, a começar por Espanha).

Em 1982, podemos considerar aberto o caminho da consagração, em forma de romance: **Memorial do Convento**, obra excepcional (que até 1998 não conseguirá o apreço da vereação PSD de Maфра...), depois da qual muitos olharão para trás, procurando explicar e reconduzir as pedras anteriores desse caminho ao triunfo que se desenha. Em 1982 ganha o prémio do PEN Clube português com **Memorial do Convento**, a par do Prémio Literário Município de Lisboa pela mesma obra. Em 1981, um heterónimo de Fernando Pessoa é invocado romanescamente em **O Ano da Morte de Ricardo Reis**. A divulgação que a obra pessoana tem já em vários países soma-se ao engenho da ficção, apoiada em meticulosas recriações de época.

Em 1985, com **O Ano da Morte...**, ganha o prémio do PEN português e o Prémio da Crítica. Em 86, o mesmo romance ganha ainda o Prémio D. Dinis, atribuído pela Fundação da Casa de Mateus. Mas 1986 é também o ano de **A Jangada de Pedra**, uma ideia de génio que, com a Península arrancada ao continente e 40 mil exemplares no país

até ao fim desse ano, cedo se torna um êxito internacional (Barcelona, 1987, na Seix Barral, trad. de Basilio Losada; ed. alemã, 1988; versões em mais dez línguas). Saramago, que durante décadas vivera com a escritora Isabel da Nóbrega (à qual dedicou muitos dos seus livros), conhece Pilar del Río, jornalista em Sevilha, indissociável de uma nova fase da sua vida e também da sua obra.

Em 1987 volta à escrita teatral com **A Segunda Vida de Francisco de Assis**. Em Itália, Prémio Grinzane-Cavour, ainda por **O Ano da Morte...** 1988 é o ano do casamento com Pilar del Río, que virá a ser sua tradutora. Em 1989 publica o romance **História do Cerco de Lisboa**. De Maio de 1990 data a estreia mundial da ópera **Blimunda** (inspirada no **Memorial...**), no Scala de Milão, música de Azio Corghi, encenação de Jérôme Savary. **Divara** será outra ópera (com base em **In Nomine Dei**), três anos depois, na Alemanha.

Em 1991, **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** dá origem a polémicas e equívocos, mas vale-lhe, finalmente, o Grande Prémio do Romance e Novela, da Associação Portuguesa de Escritores. Em 1992, o subsecretário de Estado da Cultura (PSD), Sousa Lara, recusa autorizar a participação do romance num prémio internacional. O episódio terá contribuído para o exílio voluntário de José Saramago, que nem por isso corta os vínculos com a sociedade portuguesa nem as frequentes visitas ao país. Em 1993 vive já na ilha espanhola de Lanzarote (Canárias). **Levantado do Chão**, nesse ano publicado em italiano na trad. de Rita Desti (ed. Bompiani), vale-lhe o prémio Ennio Flaiano. A luz mediterrânica já acolheu Saramago; ainda em Itália, recebe os prémios Montello e Brancati, ambos pelo conjunto da sua obra. E sucedem-se condecorações e doutoramentos «honoris causa».

Em 1993, data de **In Nomine Dei**, ganha o Independent Foreign Fiction Award, a propósito da edição inglesa, em 92, de **O Ano da Morte...**; e recebe da Associação Portuguesa de Escritores o Prémio Vida Literária. 1994: 1º tomo dos **Cadernos de Lanzarote**, diário do escritor e cidadão. Em 1995, outro romance, **Ensaio sobre a Cegueira**, e o II volume do diário; Saramago é distinguido com o mais importante troféu literário para obras em língua portuguesa, o Prémio Camões. A Sociedade Portuguesa de Autores dá-lhe o prémio de Consagração. Em 1996, os três primeiros tomos de **Cadernos de Lanzarote** são reunidos pela ed. Alfaguara, de Madrid (trad. Eduardo Naval). Em 1997 (4º vol. do diário) o romance **Todos os Nomes** arranca com 40 mil exemplares de tiragem. Nesse ano, o **Memorial do Convento** está disponível em 22 idiomas; cada vez é mais difícil que a Academia Sueca faça por não notar (mas seria fatal? Não era). **O Conto da Ilha Desconhecida** sai na Assírio & Alvim, sai o 5º tomo dos **Cadernos...** e Saramago, em Frankfurt ou mais longe, é, em 1998 como em 97, o mais visível dos vivos.

E, contra os prognósticos de um pessimismo pessoal e colectivo que ameaçava converter-se em tradição, Saramago ganha o Prémio Nobel da Literatura, dando a Portugal, e à língua portuguesa, a grande estreia na modalidade. ■



O seu Cabelheiro  
**OFERECE-LHE\***  
**2 BAINS PREVENTION,**  
na compra de um coffret  
de tratamento completo  
**INTERVENTION ANTICHUTE**  
COM AMINEXIL®  
(42 ampolas)



\* Oferta válida nos cabeleiros aderentes e sujeita aos stocks existentes.

Para conhecer os endereços dos cabeleiros Kérastase da sua área, ligue 0800 20 23 32

# Os quatro cavaleiros do Prémio Nobel

Alberto Pimenta, Álvaro Martins Lopes, Adília Lopes e Manuel da Silva Ramos puseram mãos à obra para «ajudar Saramago a vencer o Nobel. E, em seu nome, inventaram um romance publicado por capítulos no «& Piimba», a autodenominada «couve literária do Jornal do Fundão». Tendo o prémio sido atribuído mesmo sem a «desinteressada», aqui fica o registro do início da monumental, mas agora ineficaz obra, da autoria do último daqueles escritores

**O** GUARDA Aniceto Romeu fazia sempre às cinco.

Postado na avenida da República, a autoridade n.º 678, teve vontade nesse dia às 16 e 55, e silencioso, teve que abandonar mais cedo o seu poiso habitual, que era ao lado do Galetto, diante da Direção-Geral de Viação, para ir cumprir o serviço ansioso.

Voltou passados cinco minutos do restaurante, reservado a gentes com posses, e depois de cumprimentar o empregado de balcão Petronilho, Olá Zé como estás, um bom rapaz vestido sempre com colete púrpura, que era da mesma terra dele, de Cidadelhe, voltou à sua tarefa de vigilância. Pagavam-lhe para isso, observar os dias que passavam: mas ele só via a mulher que andava com outros em jangada permanente, perdida, tinham-lhe dito os colegas.

Consciente do papel que desempenhava, pôs-se atento à circulação mas a esposa à beira do divórcio, como abelha que roda à volta do mel, não lhe saía do pensamento, assim como o seu rosto redondo de provinciana astuta, nunca apanhada com a boca na botija.

Os carros passavam na avenida, ora céleres, ora devagar. Quando paravam totalmente, ele fixava mais os olhos, talvez reconhecesse um amigo, o que acontecia às vezes e isso enchia-o de alegria.

Estava a pensar que felizmente não tinha filhos quando, e como estava quente a tarde, viu passar à sua beira um carro com os vidros da frente abertos. Lá dentro, em risos baixinhos, reconheceu o antigo diretor da Pide Sousa, que nunca tinha passado em julgamento, e ao lado, a sua mulher leviana Flora.

Não há palavras que possam descrever a sua dor. Viu-se humilhado, espezinhado, entalado na sua própria virilidade. E, consciente que tinha que reagir, ébrio de autoridade, não só abandonou o seu posto como roubou um carro estacionado com o motor ligado, diante dos concessionários da Land Rover, de alguém que tinha ido com certeza ver o último modelo do género e que era rico.

Com o coração a bater na chapa cinzenta da corporação, pôs-se atrás dos amantes. Pensava agora no sinistro Sousa, nos trespassados estudantes que tinha torturado, nos doridos camaradas que tinha engavetado, nas mortes que tinha provocado, destruindo assim lares e famílias. Pensava também na impunidade dele, que continuava a dignificar uma vida, que país era este?

Viu-os parados diante dos Serviços de Identificação, pois reconheceu o robusto Volvo. Estacionou o carro na praça José Fontana e começou a apreciar o que eles faziam. Discutiam com o vendedor clandestino de impressos, em grande falatório estavam, o melhor seria aproximar-se para desvanecer dúvidas. Foi o que fez, e ouviu já perto deles, o Filho quer também todos os emigrantes, fique descansado disse o outro, e reganhou o passeio onde propunha preços aos que iam fazer o bilhete de identidade.

Arrancaram em primeira, meteram a segunda e a terceira, e Aniceto Romeu depois de tirar o boné e colocar uns óculos que tinha encontrado no carro, colou-se a eles. Disse alto, Já agora quero saber onde coabitais regular ou acidentalmente.

Estavam agora no Campo Mártires da Pátria. Vasta praça cheia de paralelepípedos e árvores. O polícia acelerou, pois tinha-os perdido de vista diante do Instituto Alemão, e quando chegou diante da placa do Jardim do Torel, os outros desciam para o Instituto Médico-Legal onde estacionaram entre duas carrinhas funerárias. Aniceto Romeu, quanto a ele, parou

ao lado dum grupo de pessoas vestidas de luto. Se queria obter qualquer informação, era perto da tristeza, que o estado de espírito desta população não era para disfarces. Assim viu um dono duma carrinha correr para o Sousa e pôr-se a falar alto, duma maneira serviçal. Passaram cinco longos minutos, e depois manobram calçada abaixo, e ele não perdeu mais tem-

po, saiu do carro, de boné, e interrogou o homem mais velho, de preto carregado, o que estava mais perto realmente da conversa do Sousa. Disse, Chamo-me António Franco e morreu-me o filho mas mesmo assim ouvi, o sentado dizia Então quantos, e respondeu-lhe o de pé, Por agora só tenho números redondos.

Estava estupefacto o polícia com a volta dos amantes e quando passaram no Terreiro do Paço o sol escondia-se. Não percebia os vagarosos, o que faziam, e quando estacionaram na rua da Prata diante da Ortopédica Martins ainda menos.

O afável Sousa questionou o patrão com a porta entreaberta na mão, e depois de a fechar cuidadosamente seguiu para a rua Augusta onde foi falar com um cego que pedia esmola. Aqui era fácil passar despercebido, entre tanta gente que passava, e Aniceto Romeu fez como se andasse de ronda, adoptou o passo policial e quando o Sousa partiu foi questionar o falso cego que lhe disse, Não me prenda que tenho filhos, e confesso ainda, Eu só lhe disse 78.

Quando voltou ainda lá tinha o seu carro multado, a dois passos do volvo, que possuía dois comedores de pastelinhos de

nata lá dentro. Disse alto, Sempre detestei gulosos, e olhou o Miguel e o Bernardo, filhos do proprietário do carro.

Não tardaram a partir, depois de acabado o lanche improvisado e desta vez dirigiram-se para a Praça da Alegria onde pararam o carro diante do Maxim's e depois da Pensão Portugal. Surpreendeu-se a falar alto, Cuidado aqui há um quartel da

PSP, e muitos colegas meus andam serenos por estes lados. Pouco tempo os perseguidos gastaram nestes dois lugares, nem um quarto de hora, e Aniceto Romeu já não percebia nada do assunto, mas enquanto durava a dúvida era persistir. Espanto-me que não tenham ficado nessa pensão tão bem caiada, disse para o volante suado.

A Avenida da Liberdade possui o maior prédio de Informática e Computadores do país, uma multinacional tentacular, Smith & Silva, foi para essa sede, outrora teatro nacional, cheio ainda de aplausos, que se dirigiu o carro cinzento. Aqui já sei o que vais fazer, disse Aniceto Romeu, e, sem dúvidas algumas, batia certo o pensamento do polícia, pois passados poucos momentos o Sousa saía com um computador portátil, último modelo, nas mãos dum obsequioso empregado que colocou a malinha na parte traseira do automóvel.

Reganharam a Baixa, e era já quase noite, e quando empreenderam a subida da Almirante Reis as luzes acenderam-se. De repente, o Volvo guinou para a direita e meteu-se na estreita rua do Bem Formoso. Seguiu-os agora de longe, guiado pelos faróis. De repente, estacaram duas vezes, diante de dois números de dois edifícios. Fez como eles, e apercebeu-se que o Sousa tinha penetrado, respectivamente, na Casa da Covilhã e na Casa do Minho.

Continuou a segui-los mas rapidamente entre putas desdentadas e pretos bêbados os perdeu de vista.

Continuou até ao Largo do Intendente e abriu a janela para ver melhor. Cheirava intensamente a mijo mas mesmo assim estacionou o carro ao lado do Volvo conhecido, guardado agora por um preto colossal.

Meteu outra vez o boné da autoridade, repôs os óculos no tablier do carro e saiu para questionar o criado. Perguntou, O que é que me pode dizer para sua defesa, o outro respondeu na ponta da língua, O Salazar teve um filho e é poderosíssimo...

Entre a ameaça duma facada e a loucura do explorado, meteu-se de novo na Almirante Reis e suspirou contra Miguel e Bernardo. Depois disse para eles, Vou despir a farda, dormir uma boa noite e amanhã depois de entregar a arma vou à caça deles à civil. E acelerou.

E quando chegou à Praça do Areeiro quase atropelou um preto de gravata que olhava embasbacado a estátua do Sá-Carneiro.

**& Piimba!** Cerveja Literária do JF - Jornal do Fundão

**Novo Romance de José Saramago**

2º Capítulo escrito por ALBERTO PIMENTA

Depois da publicação do primeiro capítulo do novo romance de José Saramago escrito por Manuel da Silva Ramos e de seu apelo aos outros escritores portugueses para que se juntassem a uma grande obra nacional que é a realização dum romance de Saramago para que este ganhe o mais digno prémio Nobel, vários nomes se manifestaram.

Alberto Pimenta foi um deles. Há pouco de apresentações e apresentações dignas dos seus livros: "Obras Completas" (1991), "Discursos sobre o Filho-de-Deus" (1991), "TV de Deus" (1991), "Luzes da noite e uma Perceção", "Santa Ceia" (1991), "Discursos sobre o Filho-de-Deus" (1991), "Verdichtungen" (1997).

**6 Piimba Sumário**

1. Grande Romão de Saramago
2. Capitulo de Alberto Pimenta
3. Capitulo de José Saramago
4. Capitulo de José Saramago
5. Capitulo de José Saramago
6. Capitulo de José Saramago
7. Capitulo de José Saramago
8. Capitulo de José Saramago
9. Capitulo de José Saramago
10. Capitulo de José Saramago
11. Capitulo de José Saramago
12. Capitulo de José Saramago
13. Capitulo de José Saramago
14. Capitulo de José Saramago
15. Capitulo de José Saramago
16. Capitulo de José Saramago

**& Piimba!** Cerveja Literária do JF - Jornal do Fundão

**& assim nasceu «& Piimba»**

1.º capítulo do novo romance de José Saramago escrito por Manuel da Silva Ramos

«Com o coração a bater na chapa cinzenta da corporação, pôs-se atrás dos amantes. Pensava agora no sinistro Sousa, nos trespassados estudantes que tinha torturado, nos doridos camaradas que tinha engavetado, nas mortes que tinha provocado, destruindo assim lares e famílias.»



**& Piimba!** Cerveja Literária do JF - Jornal do Fundão

**Porque sou escritor** POR JOÃO ROSAS

**José Saramago mais perto do Nobel**

3º Capítulo do seu novo Romance escrito por ALVARO MARTINS LOPES

Alvaro Martins Lopes foi um dos nomes que se juntaram a uma grande obra nacional que é a realização dum romance de Saramago para que este ganhe o mais digno prémio Nobel, vários nomes se manifestaram.

Alvaro Martins Lopes foi um deles. Há pouco de apresentações e apresentações dignas dos seus livros: "Obras Completas" (1991), "Discursos sobre o Filho-de-Deus" (1991), "TV de Deus" (1991), "Luzes da noite e uma Perceção", "Santa Ceia" (1991), "Discursos sobre o Filho-de-Deus" (1991), "Verdichtungen" (1997).

**6 Piimba Sumário**

1. Grande Romão de Saramago
2. Capitulo de Alberto Pimenta
3. Capitulo de José Saramago
4. Capitulo de José Saramago
5. Capitulo de José Saramago
6. Capitulo de José Saramago
7. Capitulo de José Saramago
8. Capitulo de José Saramago
9. Capitulo de José Saramago
10. Capitulo de José Saramago
11. Capitulo de José Saramago
12. Capitulo de José Saramago
13. Capitulo de José Saramago
14. Capitulo de José Saramago
15. Capitulo de José Saramago
16. Capitulo de José Saramago

**& Piimba!** Cerveja Literária do JF - Jornal do Fundão

**Novo Romance de José Saramago**

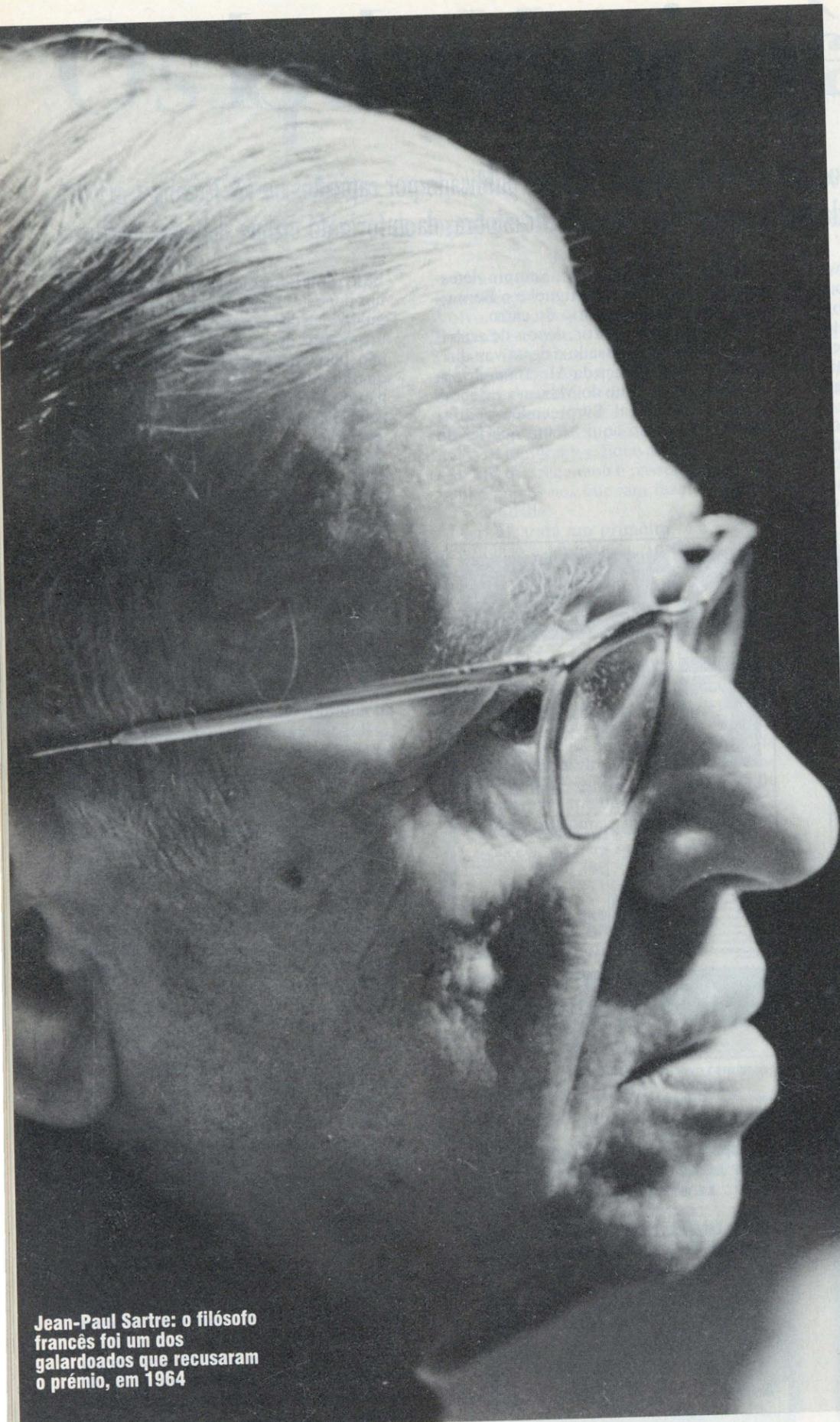
4º Capítulo escrito por ADÍLIA LOPES

Adília Lopes foi um dos nomes que se juntaram a uma grande obra nacional que é a realização dum romance de Saramago para que este ganhe o mais digno prémio Nobel, vários nomes se manifestaram.

Adília Lopes foi um deles. Há pouco de apresentações e apresentações dignas dos seus livros: "Obras Completas" (1991), "Discursos sobre o Filho-de-Deus" (1991), "TV de Deus" (1991), "Luzes da noite e uma Perceção", "Santa Ceia" (1991), "Discursos sobre o Filho-de-Deus" (1991), "Verdichtungen" (1997).

**6 Piimba Sumário**

1. Grande Romão de Saramago
2. Capitulo de Alberto Pimenta
3. Capitulo de José Saramago
4. Capitulo de José Saramago
5. Capitulo de José Saramago
6. Capitulo de José Saramago
7. Capitulo de José Saramago
8. Capitulo de José Saramago
9. Capitulo de José Saramago
10. Capitulo de José Saramago
11. Capitulo de José Saramago
12. Capitulo de José Saramago
13. Capitulo de José Saramago
14. Capitulo de José Saramago
15. Capitulo de José Saramago
16. Capitulo de José Saramago



Jean-Paul Sartre: o filósofo francês foi um dos galardoados que recusaram o prémio, em 1964

# Percursos do prémio

Alguns aspectos que consolidaram a fama do mais importante galardão que consagrou as obras mais emblemáticas do nosso século

Texto de JORGE HENRIQUE BASTOS

**D**UAS circunstâncias se encarregaram de consolidar a posteridade do criador do prémio Nobel: a invenção da dinamite e a criação do prémio homónimo. Nascido em Estocolmo em 1833, Alfred Nobel era filho dum engenheiro conhecido que viria a influenciar a sua apetência para a Química.

O jovem especializou-se nos estudos sobre explosivos até chegar ao resultado final, a que deu o nome de dinamite. Patenteou a descoberta em 1867, e abriu assim as portas para os milhões que fizeram a sua fortuna.

Admirador de Shelley, Alfred Nobel pôs de lado o interesse pela literatura e mergulhou nos negócios que se multiplicavam cada vez mais.

Um ano antes da sua morte, ocorrida em 1896, Alfred Nobel resolveu dar corpo à ideia do prémio e assinou o testamento a 27 de Novembro de 1895, em Paris. A solução encontrada garantia um fim justo para a imensa fortuna que amalhara, calculada naquela época em cerca de 31 milhões de dólares. De acordo com a vontade expressa, o prémio destinava-se a galardoar figuras que tivessem «produzido obras que contribuísem para o bem-estar do futuro da Humanidade».

Em Janeiro de 1897, o conteúdo do testamento foi revelado. Nomeara o Parlamento norueguês e o Reino Unido da Suécia como responsáveis pela entrega do galardão, que ocorre sempre a 10 de Dezembro, data do nascimento do criador do prémio.

As áreas escolhidas foram a química, a física, a medicina, a literatura, e também aqueles que trabalharam para desenvolver as relações entre os povos.

O Nobel destinado a consagrar a literatura foi sempre envolvido de aspectos particulares.

Entre 1914/18 e 1940/43 não foi atribuído devido à conjuntura política mundial das guerras que assolaram a Europa — as mesmas guerras sobre as quais Alfred No-

bel não gostava de falar. Apesar das directivas rigorosas, por quatro vezes o prémio foi dividido entre dois escritores.

A primeira vez, em 1904, pelo espanhol José Echegaray e o francês Frédéric Mistral; em 1917, pelos dinamarqueses Karl Gjellerup e Henrik Pontoppidan; em 1966, pela alemã de origem judia Nelly Sachs e o israelita Yosef Agnon; em 1974, pelos suecos Eyvind Johnson e Harry Martinson.

A lista dá bem a ideia dos excluídos pela Academia Sueca, como Marcel Proust ou James Joyce. Há ainda aqueles que resolveram recusar o galardão, como Boris Pasternak em 58 e Jean-Paul Sartre em 64.

Com o fim da II Guerra Mundial o prémio começou a assumir uma faceta mais politizada, é prova disso a sua atribuição, em 53, a Winston Churchill. Embora já tivesse premiado Pasternak, o júri voltou a optar, em plena Guerra Fria, por escritores russos, o escritor Mikhail Sholokhov, em 65, e Aleksandr Soljenitsyne, em 1970. A decisão de atribuir o prémio em simultâneo a Nelly Sachs e Agnon, em 66, com os atritos resultantes da Guerra dos Seis Dias que massacrava o Médio-Oriente, não está longe do posicionamento político que os membros da Academia acabaram por assumir.

O mesmo pode ser dito em relação aos nomes de Joseph Brodski, prémio de 87, que acompanhou de alguma forma o processo de abertura política da antiga União Soviética, e de Nadine Gordimer, alvo da atenção da Academia em 91, na esteira do processo que pôs fim ao «apartheid» sul-africano.

Contudo, sempre que o resultado era anunciado, um verdadeiro furor invadia as páginas dos suplementos culturais do mundo, a denunciar a inépcia dos académicos suecos.

Se, actualmente, o leitor comum se interroga acerca de figuras como Ivo Andric ou Sully Prudhomme, é porque o tempo se encarregou de arrumar na estante cer-

tas obras e apurou outras que se tornaram emblemáticas para o nosso século, obras de autores como Kafka, Strindberg ou Breton.

Por outro lado, verdade seja dita, os suecos premiaram nomes importantes e inesperados, como T.S. Eliot, Herman Hesse, Saint-John Perse ou Samuel Beckett.

De facto, a polémica nunca deixou de perseguir o anúncio do galardão. Em 97, quando o agraciado foi Dario Fo, levantaram-se vozes contra o nome escolhido. Curiosamente, o «L'Osservatore Romano», órgão ligado ao Vaticano que também pôs em causa o nome de Saramago, ironicamente, anunciara na manchete: «**Dopo Carducci e Montale, il Nobel è andato a un giullare**» («Depois de Carducci e Montale, o Nobel consagrou um jogral»). O que estava implícito na notícia era não só o descontentamento para com a escolha, como a crítica velada ao autor, já que o termo «giullare» significa não só trovador medieval, mas também bobo da corte.

Uma das vozes mais ouvidas no ano passado foi a do indignado Eric Bentley. Num texto publicado no «New York Times», aquele membro da Academia Americana de Artes e Letras — convidado várias vezes para indicar nomes de potenciais merecedores do galardão, mas nunca tendo sido ouvido — denunciava assim a atitude da Academia: «**Será que algo de insólito está a acontecer em Estocolmo, e o prémio é concedido por razões que nada têm a ver com literatura?**»

Houve sempre desacordo entre os académicos mas, em 95, a discordância chegou ao limite, transpondo as muralhas da secretíssima instituição para surgir nas páginas dos jornais.

Segundo os regulamentos, é necessário que a votação seja feita por 12 dos 18 membros da Academia. Em 96, quatro elementos do júri recusaram participar na votação e, em 98, dois dos responsáveis pela atribuição, simplesmente, não apareceram.

São muitos os rumores que rondam pelos corredores da Academia, entre os quais a disputa de poderes a dividir constantemente o júri. Um dos nomes a surgir com frequência no meio das discussões é o do excêntrico historiador e ensaísta literário Knut Ahlund, que apelidou o secretário permanente da Academia, Stuve Allen, de «**contabilista literário e inculto**».

Há alguns meses, Ahlund aqueceu outra polémica nas páginas do «Svenska Dagblat» ao atacar Horace Engdahl, novo membro do júri e crítico pós-estruturalista. Ahlund, além de ser admirador da obra de Norman Mailer e Bernard Malamud, é um confesso defensor da obra de Saramago. Segundo a

**Se o prémio é condicionado por aspectos políticos, é caso para nos interrogarmos acerca dos objectivos que levaram a Academia sueca a contemplar este ano um autor português. A decisão envolveu todos os temperos a condimentar as polémicas com o pormenor da unanimidade consagratória**

jornalista Erica Wagner, no «Times» de 9 de Outubro, foram estes dois membros que estiveram ausentes na última votação.

Se o prémio está a ser condicionado por aspectos políticos, é caso para nos interrogarmos sobre que objectivo político existiu para este ano um autor português ser o feliz contemplado pela Academia Sueca.

Na verdade, a decisão envolveu todos os temperos a condimentar as polémicas que surgem por esta altura, mas com um pormenor absoluto: a unanimidade consagratória que surgiu de todas as partes do mundo, reconhecendo a obra de Saramago e toda a literatura de língua portuguesa. ■

## ZEFERINO COELHO

# “Uma aposta recompensada”

Entrevista de RUI ROCHA

**E**M 1979 a Editorial Caminho publicou o primeiro livro de José Saramago, até então editado pela desaparecida Moraes Editores. O segundo livro, *Levantado do Chão*, foi a primeira grande aposta, com uma tiragem dupla da habitual — e a primeira aposta ganha. Muito longe dos 30 mil exemplares da primeira edição de *Jangada de Pedra*, em 1986, que exigiria ainda uma reimpressão de mais dez mil exemplares no mesmo ano. O *Ensaio Sobre a Cegueira* publica 55 mil exemplares no ano da edição (1995). O prémio Nobel esgotou os exemplares disponíveis de todas as obras em depósito nas livrarias.

A agente literária de Saramago, Ray-Güde Mertin, declarou ao EXPRESSO em Frankfurt (para além de reiterar a comoção que sentira, como todos os que, de al-

gum modo, se encontravam ligados ao escritor) que a nova qualidade «Nobel» do seu autor a ia deixar muito ocupada: «**Há muita gente que veio procurar-me depois do anúncio do prémio. No meio de toda aquela comoção quando o José Saramago chegou à Feira, houve mesmo uma senhora grega que queria assinar um contrato logo ali, naquele lugar, sem compreender o que estávamos sentindo. Tem havido também editores, desde ontem (quinta-feira, 8), que vêm ter comigo sem conhecer a obra, querendo editar tudo, mas, por outro lado, as editoras de Saramago, já com vários títulos editados, estão a pensar em publicar as obras completas.**»

Quanto ao seu editor português de há dezanove anos, Zeferino Coelho, da Caminho, ficam aqui as notas de uma conversa no seu «stand» da Feira de Frankfurt.

**EXPRESSO** — Já notou a influência da atribuição do Prémio Nobel a um autor da Caminho nos contactos estabelecidos aqui na Feira?

**ZEFERINO COELHO** — Há muita gente que já veio aqui, daqueles países que faltavam ou de países em que as coisas estavam ainda indefinidas. Há casos em que só existe um livro traduzido e, portanto, os outros editores partem do princípio que se trata de «campo aberto». Apareceram vários turcos, alguns gregos, e também da República Checa e da Coreia. Da Macedónia, tinham cá vindo ontem (na véspera do anúncio do Nobel)

**EXP.** — Mas os direitos mundiais são geridos pela Caminho ou pela agente literária de Saramago, Ray-Güde Mertin?

**Z. C.** — Existe um contrato-base pelo qual a Caminho tem os direitos mundiais, e um contrato que delega esses direitos num agente literário: a Caminho retém os direitos para o Brasil e existe, ainda, um agente específico para a França.

**EXP.** — Como é que evoluiu o processo de traduções de obras de Saramago?

**Z. C.** — Inicialmente era muito complicado. Venho aqui desde há vinte anos e é muito difícil vender direitos para o estrangeiro, porque os editores estrangeiros não acreditam que haja alguma coisa... No que se refere ao José Saramago, ainda fui eu que tratei da cedência do *Memorial do Convento* para a editora italiana Feltrinelli. Apareceu depois uma agente literária que se propôs fazer a difusão em França. E só depois disso, nos meados dos anos 80, é que apareceu um agente americano interessado em representar os direitos mundiais. Na sequência da evolução dessa empresa, ficou a actual agente com a negociação dos direitos das obras dele.

**EXP.** — Como é que o facto de ter um Nobel vai afectar a editora?

**Z. C.** — Termos um Nobel passa a ser algo que vai marcar a editora. Em 1983, fizemos uma reedição do *Manual de Pintura e Caligrafia*, por altura da Feira do Livro de Lisboa, e, de súbito, apareceram montes de exemplares ainda da primeira edição, ao preço de capa original, que era metade do nosso. O Saramago não vendia nada: foi com *Levantado do Chão*, o segundo livro dele que editámos (o primeiro fora a peça de teatro *A Noite*) que nos pareceu um grande livro, que fizemos um «forcing» e imprimimos cinco mil exemplares. Mas funcionou. Fizemos o lançamento do livro na Casa do Alentejo e logo na altura houve um enorme entusiasmo.

**EXP.** — Os outros autores editados pela Caminho vão beneficiar com a companhia do nome de Saramago?

**Z. C.** — Tenho ideia que já estou a ter reflexos disso, porque tive agora contactos de pessoas que, sem o dizerem, pensam que, se temos o Nobel, é possível que exista mais alguma coisa que valha a pena.

**EXP.** — Com tudo isto, a Caminho vai saltar a barreira e passar, a prazo, a ser uma grande editora?

**Z. C.** — Isto acaba por traduzir-se tudo em vendas, seja de direitos, seja de livros. Os livros esgotaram em Portugal, na Alemanha também estão esgotados. Os representantes da Harcourt Press, depois de saberem que já não havia exemplares disponíveis em Nova Iorque, mandaram fazer mais cinquenta mil exemplares. Em tudo isto, há um aumento das «royalties» sobre o acréscimo de livros vendidos e a percentagem de adiantamentos sobre os direitos também cresce.

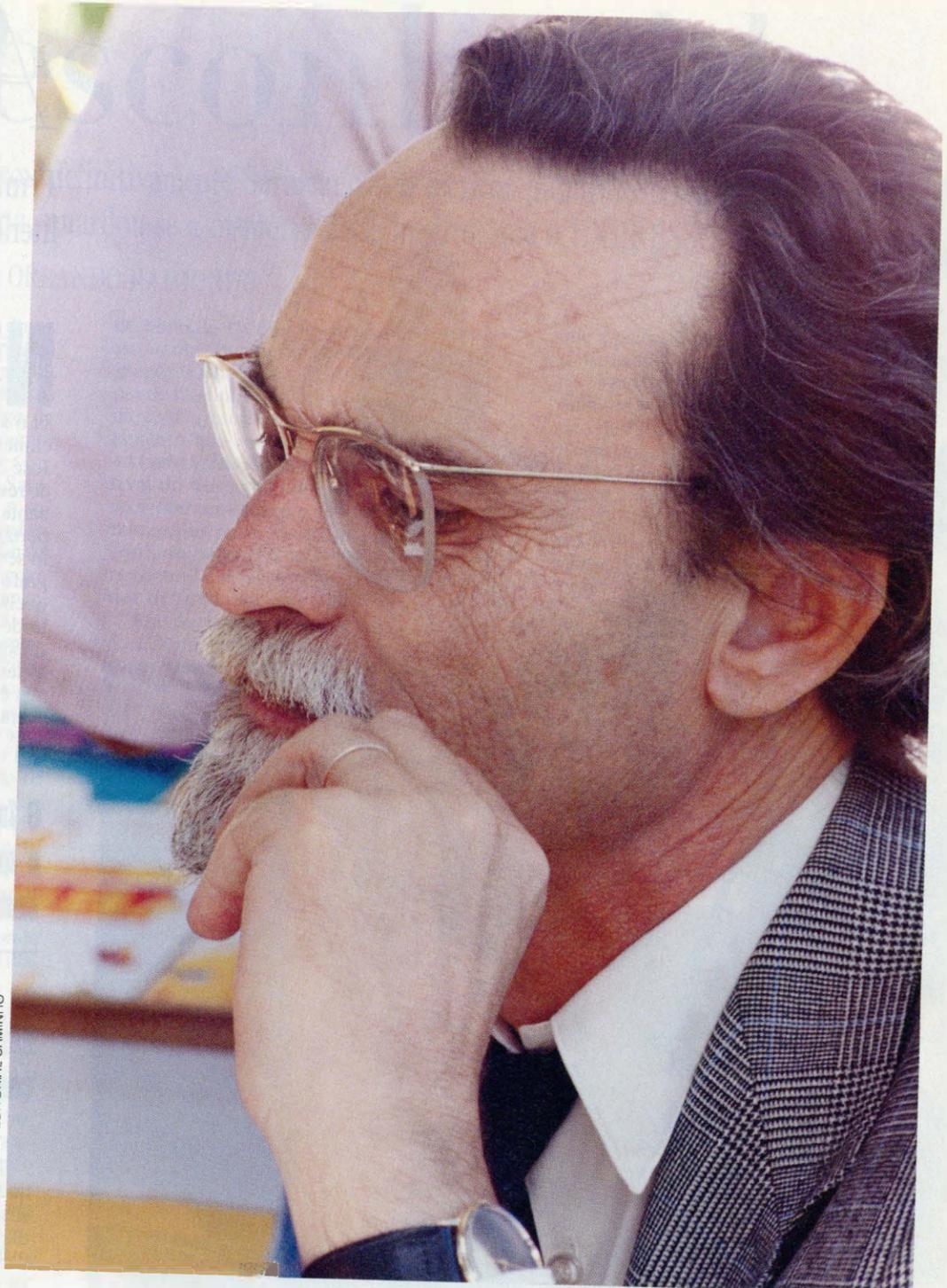
**EXP.** — Quais são as expectativas imediatas?

**Z. C.** — Espero que todas estas coisas decorrentes da atribuição do Nobel não impliquem um acréscimo de obrigações sociais do José Saramago e que, no dia 1 de Janeiro, se sente à mesa, como está combinado, para começar a escrever o novo livro, *A Caverna*, que queríamos publicar em Novembro.

**EXP.** — E os projectos para o futuro?

**Z. F.** — Continuaremos a trabalhar na consolidação da editora e dentro de dois ou três anos... Estamos muito virados para África: criámos uma editora em Moçambique, *Najira*, que quer dizer «caminho» em xi-sena, e vamos também tentar criar uma em Angola. ■

JOSE MARIA FRADE - EDITORIAL CAMINHO



**Os outros autores editados pela Caminho vão beneficiar da companhia do nome de Saramago?**

**«Tive agora contactos de pessoas que, sem o dizerem, pensam que, se temos o Nobel, é possível que exista mais alguma coisa que valha a pena»**

Finalmente em CD, o melhor de António Pinho Vargas

# as mãos

Em CD e cassette.

EMI VALENTIM DE CARVALHO

# A estreia desconhecida

Trinta anos antes do «Memorial do Convento» — a obra que consagrou definitivamente Saramago — o escritor publicara o seu primeiro trabalho literário num pequeno jornal. De uma reportagem, feita nos anos oitenta, guardou-se a memória desse inédito, que o EXPRESSO revela agora

Texto de ORLANDO RAIMUNDO

**N**O INÍCIO da década de 80, no auge da euforia que rodeou a descoberta do **Memorial do Convento**, que trouxe finalmente à Literatura portuguesa o seu tão esperado 25 de Abril, revolucionando os processos narrativos, desafiei José Saramago para um jogo que haveria de revelar-se uma das minhas mais emocionantes experiências profissionais: uma reportagem aos locais do romance, guiada pelo seu criador. Eurico Vasconcelos, o fotógrafo que comigo partilhou a aventura daquela manhã de Primavera, haveria mais tarde de confessar, em repetida obsessão, a inexplicável sensação de ter habitado as páginas do livro, percorrendo trilhos misteriosos e partilhando medos, ousadias e sofrimentos com os seus personagens.

**O folheto escapou à censura, o que permitiu ao escritor comparar o castigo de Sísifo — rolar uma pedra enorme até ao cimo de um monte e repetir eternamente esta prova — com o trabalho assalariado**

A cumplicidade gerada com o escritor, que tão fraternalmente abriu as portas da sua oficina criativa, permitindo-me a ousadia de tentar desvendar técnicas e segredos da arte e do ofício, haveria de dar-me acesso a um privilégio maior: a descoberta do seu primeiro trabalho literário: a tradução da peça **Sísifo e a Morte**, de Robert Merle, concluída em 1956, dez anos antes da publicação d'Os Poemas Possíveis, o seu primeiro livro.

Na sequência da «conversa de pé-de-orelha», tão ao gosto de Jorge Amado, Saramago fez-me fiel depositário de um exemplar já amarelecido pelo tempo — se não único pelo menos raro — de «A Voz de Tebas», um jornalinho de brincadeira, onde se faz a apresentação da peça, levada à cena nesse mesmo ano de 56 pelo Grupo de Teatro Popular da Caixa Económica Operária, criado e mantido por resistentes à ditadura. Nunca

usei a informação nem reproduzi o documento, que o EXPRESSO hoje se orgulha de publicar nas páginas que se seguem. Aguardei todos estes anos a oportunidade de revelar a história, que agora surge de forma sublime, conservando o documento como coisa preciosa.

Na apresentação que faz da obra, Saramago considera-a «um grito contra a sociedade corrupta e cínica» e um manifesto contra «os interesses criados e as conveniências de certas classes sociais», regozijando-se com o facto de o autor retratar tudo isso com «o traço grosso da sátira». O folheto não foi obviamente sujeito à censura salazarista. O que permitiu ao escritor, linhas adiante, comparar o castigo a que Sísifo foi submetido por Mercúrio — rolar uma pedra enorme até ao alto de um monte, que lhe escapa das mãos perto do fim obrigando-o eternamente a repetir tudo de novo — com o trabalho assalariado.

Actualmente com 90 anos, Robert Merle, um «pied noire» de ascendência argelina, haveria de surgir, doze anos depois da estreia de **Sísifo e a Morte** pelo Grupo de Teatro Popular, associado à revolta estudantil de Maio de 68, que rebentou quando leccionava literatura inglesa na Universidade de Paris X.

Contrariamente a Saramago, que se mantém fiel ao Partido Comunista, Merle desertou das hostes, em que militou na juventude. Mas há outras similitudes entre o desassossego de um e do outro, a começar pelo fascínio por mulheres mais novas. Merle — hoje professor honorário de Paris-Nanterre — é não só o mais notável biógrafo de Fidel Castro e Ben Bella como — caprichos do destino, talvez... — outros dos escritores fustigados pelo Vaticano, que agora reagiu de forma tão intolerante à atribuição do Nobel. Um dos seus «best-sellers» — **O Ídolo**, lançado pela Plon em Novembro de 1987 — é um romance erótico-histórico, que tem por pano de fundo «as grandes manobras no Vaticano», associadas à eleição papel e aos seus «complots».

**Sísifo e a Morte** foi posto em cena por Humberto D'Ávila, que metera mãos ao projecto de abrir uma nova frente cultural de resistência ao regime, num momento em que a Caixa Económica Operária assinala o 80º aniversário da sua fundação. Os cenários eram de Figueiredo Sobral.

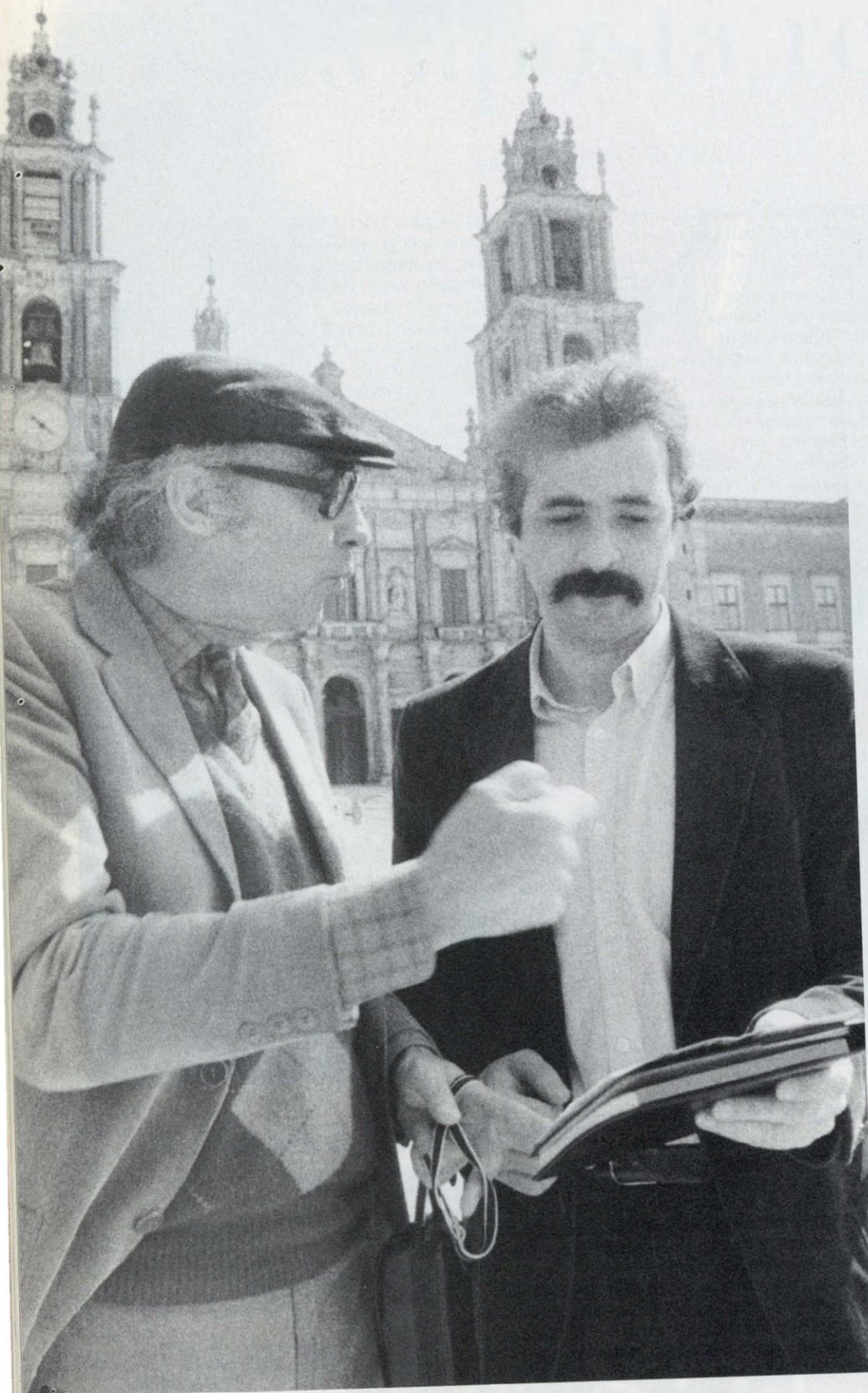
No texto que escreveu para a estreia da peça, que assinalava simultaneamente a estreia do Grupo de Teatro Popular — a 19

de Maio de 1956 — o encenador lamentava a substituição, nas colectividades, dos grupos teatrais e das filarmónicas por equipas de futebol. Numa cumplicidade assumida com o escritor, chegou a escrever um lamento que mantém toda a actualidade: «**Avassaladas as gentes pela febre irresistível do desporto competição, nalgumas sociedades de recreio venderam-se os instrumentos para comprar botas e demais equipamento. E o velho encenador ou o regente da música deu lugar ao treinador de futebol**».

Um dia se fará a história desta colectividade, onde José Saramago desempenhou papel decisivo, que fazia tão discretamente quanto possível agitação política, entre-meando o «cultivo da língua pátria», pelo teatro, com recitais de música. No dia em

que a peça subiu à cena, o serão terminou, já de madrugada, com um recital pela cantora Madalena Andersen, interpretando obras de Mozart, Schubert, Scarlatti, Frederico de Freitas e... Fernando Lopes Graça. Acompanhada ao piano por Beatriz Soares.

O texto de Saramago contém curiosamente um comentário de sabor premonitório, alusivo à atribuição a Robert Merle, em 1949, do Prémio Goncourt, pelo livro **Week End a Zuydcoore**, que bem poderia ter sido escrito agora para qualificar a atitude dos jurados do Nobel da Literatura 1998. «**Pode-se dizer — escreve o autor do Ensaio sobre a Cegueira — que o júri, distinguindo-o dentre os outros concorrentes, deu provas de lucidez, gosto artístico e independência de que muitas outras vezes andou alheado**».



José Saramago, em 1985, com o jornalista Orlando Raimundo, frente ao Convento de Matra

as mãos

Finalmente em CD, o melhor de António Pinho Vargas.

Inclui "Tom Waits", "A Dança dos Pássaros" e "La Corazón".

Já à venda

Em CD e cassette.

VALENTIM DE CARVALHO

# O primeiro texto

Neste jornalinho, Saramago faz a apresentação da peça «Sísifo e a Morte», do dramaturgo R. Merle, que marca a sua estreia literária 10 anos antes da publicação da primeira obra, «Os Poemas Possíveis»

## ÚLTIMA HORA

Corinto, 19 (Pelo telefone) — Deu-se o que toda a Grécia desejava. Sísifo acaba de ser morto, graças à aliança de todas as classes sociais. Assim foi liquidado um perigoso perturbador da ordem pública.

Correm boatos de que há desordens nos bairros populares de Corinto. Parece que se tramava um levantamento da plebe para apoiar Sísifo. Felizmente, a pronta intervenção das forças armadas fez abortar a revolta. Que Zeus seja louvado! Podemos agora viver em paz! — (E.)

## Na estreia do Grupo de Teatro Popular

Já lá vai o tempo em que não havia clube, associação ou colectividade, por mais modesta que fosse, que não terçasse rivalidades pelo seu grupo cénico ou pela sua banda filarmónica. O teatro e a música, lado a lado, sentiam as suas raízes bem presas no húmus popular.

O panorama mudou um pouco de então para cá, avassaladas as gentes pela febre irresistível e depressiva do desporto-competição. Nalgumas sociedades de recreio, venderam-se os instrumentos para comprar botas e demais equipamento. Noutras, o velho ensaiador ou o regente de música deu lugar ao treinador de futebol.

Continua na pág. 3

# AVOZ de TEBAS

19 / Maio / 1956 NÚMERO ÚNICO

Edição da Caixa Económica Operária Composto e impresso na Sociedade Tipográfica, Limitada

## O Mundo está em perigo!

### SÍSIFO PERSISTE NO SEU DESAFIO AO PODER DE ZEUS

Corinto, 19 (Do nosso enviado especial) — Os rumores que nos últimos dias têm corrido por toda a Grécia tiveram hoje a sua confirmação. Vimos a Morte. Falámos com essa terrível Figura que, afinal, ao contrário das convicções de todos os gregos, não é uma mulher, mas sim um homem. Graças ao constante cuidado de «A Voz de Tebas» em manter perfeitamente informados os seus leitores, é possível trazer ao seu conhecimento a verdade dos factos.

Fomos recebidos em casa de Sísifo por Aristeia que nos acolheu com alguma desconfiança. Interrogando-a habilmente, soubemos as verdadeiras razões da ira do grande Zeus, o pai dos deuses, contra Sísifo, o motivo porque Ele lhe enviou a Morte. O omnipotente Zeus agradara-se da pequena Egina, a filha de Asopo, o Deus-Rio, e raptou-a. Sísifo, que assistiu à cena, foi relatá-la a Asopo que, por sua vez, indignado, pretendeu inundar o Olimpo. Tão sacrílego projecto (inundar a morada dos deuses, ó Zeus!), foi evitado graças ao poder do rei das dividandes. Foi tremenda a ira do sublime Zeus que enviou a Morte para liquidar a vida e a petulância de Sísifo. Mas este, graças a uma artimanha demoníaca, roubou a caneta da Morte que, desta maneira, deixou de poder escrever os nomes das pessoas

A morte escondeu o rosto à objectiva do nosso repórter...



Edição especial

Continua na pág. 4

SE, na maior parte dos casos, a escolha de obras a traduzir para a nossa língua não obedecesse a critérios e razões que têm mais que ver com a pura actividade comercial que com o alto objectivo de colocar ao alcance do leitor português os livros que realmente merecem divulgação, Robert Merle, o seu nome e a sua obra, não seriam, como são, quase desconhecidos em Portugal. E, contudo, um dos bons romances franceses dos últimos dez anos é, sem sombra de dúvida, **Week-end à Zuydcoote**. A este livro foi atribuído o Prémio Goncourt de 1949 e pode-se dizer que o júri, distinguindo-o dentre os outros concorrentes, deu prova de lucidez, gosto artístico e independência de que muitas outras vezes andou alheado.

**Week-end à Zuydcoote** é a derrota. Quatro homens, empurrados no torvelinho da retirada, esbarram, com milhares doutros homens, nas praias do Norte da França. Além do horizonte está a Inglaterra, a salvação; atrás avançam os alemães e, com eles, a prisão e a morte. Naquela faixa de terra que todos os dias vai diminuindo de largura, estes quatro homens, mergulhados na confusão e no desespero da fuga, vivem o «fim-de-semana» trágico sobre o qual pende esta interrogação: quem chegará primeiro — o barco libertador ou as tropas alemãs?

O êxito deste romance foi, mais tarde, confirmado, embora com menor retumbância, pelo aparecimento de **La Mort Est Mon Métier**, em que Robert Merle trata a figura, a vida e os actos de um comandante de campo de concentração nazi, um homem «cuja profissão é a morte». E não se diga que Robert Merle não sabia do que falava. Como tantos outros intelectuais franceses, sofreu o inferno dos campos de concentração nazistas. **La Mort Est Mon Métier** é um testemunho e simultaneamente um aviso.

Mas a actividade literária de Robert Merle não se tem limitado ao romance. Além de tradutor de Caldwell e de Webster e autor de um notável ensaio sobre Oscar Wilde, é igualmente dramaturgo e de não pequeno interesse, como se viu pela apresentação de **Sísifo e a Morte**. ►

«Naquela faixa de terra que todos os dias vai diminuindo de largura, estes quatro homens, mergulhados na confusão e no desespero da fuga, vivem o 'fim-de-semana' trágico sobre o qual pende esta interrogação: quem chegará primeiro — o barco libertador ou as tropas alemãs?»

**GRUPO DE TEATRO POPULAR**  
DA CAIXA ECONÓMICA OPERÁRIA  
HOJE, pelas 21,45 h. — Pela primeira vez em Portugal, uma peça de ROBERT MERLE

**SÍSIFO E A MORTE**  
Fábula em 1 acto, tradução de José SARAGAMO

DISTRIBUIÇÃO

|   |   |   |   |
|---|---|---|---|
| JORNALISTA<br>ARISTEIA<br>MORTE<br>SÍSIFO | João Gonçalves<br>Olga de Fonseca<br>João Ribeiro Pinto<br>Francisco Roxo | ARES<br>1.º NOTÁVEL<br>2.º NOTÁVEL<br>3.º NOTÁVEL | Carlos Antunes<br>Joaquim Branco<br>Raul Ribeiro<br>Domingos Miguel |
|---|---|---|---|

Encenação de HUMBERTO D'ÁVILA — Cenário de FIGUEIREDO SOBRAL  
Cenário-Regia: Sarmento Minério — Pórtico: João Pinto  
Carpinteiro de cena: Luís Banha — Electricista: Alexandre Gaspar — Guarda-Roupa: Alvaro Costa

Antes do espectáculo, o Sr. Prof. Doutor VIEIRA D'ALMEIDA apresenta algumas palavras relativas à primeira apresentação pública do GRUPO DE TEATRO POPULAR

«A primeira ambição de Robert Merle foi escrever para o teatro. Como professor da Faculdade de Letras de Rennes,

► Outras peças suas são Flami-neo e Les Sonderling.

De resto, a primeira ambição de Robert Merle foi escrever para o teatro. Como professor da Faculdade de Letras de Rennes, tem sido notável o seu trabalho em prol da arte dramática entre os estudantes. E foi talvez pensando neles, na sua irreverência, no seu gosto da acção, na sua juventude, que Robert Merle escreveu Sísifo e a Morte, que é um grito contra uma sociedade corrupta e cínica.

tem sido notável o seu trabalho em prol da arte dramática entre os estudantes. E foi talvez pensando neles que Robert Merle escreveu 'Sísifo e a Morte', que é um grito contra a sociedade corrupta e cínica»

Nesta fábula, que assim denomina significativamente Robert Merle a sua peça, é evidente a intenção satírica. As forças que, por vezes, dominam e vencem a vontade dos homens, os interesses criados, as conveniências de certas classes sociais, estão aqui retratados sob o traço grosso da sátira.

Aproveitando como ponto de partida o velho mito grego de Sísifo, recorrendo a cada passo a sabores anacronismos, Robert Merle fez como que uma radiografia moral da nossa época. No mito grego, tendo sido morto por Teseu, Sísifo recebe de Plutão consentimento para regressar à Terra por um dia. Não volta dentro do prazo que lhe fora fixado, e só muito mais tarde Mercúrio consegue arrastá-lo para os Infernos, onde o seu castigo consiste em rolar uma pedra enorme até ao alto de um monte. É forçado a recomençar eternamente este trabalho porque, logo que atinge o cume, a pedra rola pela encosta até ao vale. (Não lembrará este castigo o actual carácter do trabalho do homem?) Na peça, a tentativa de Sísifo de libertar os homens da morte é uma tentativa de antemão condenada ao fracasso. O Sísifo da peça devia sabê-lo: ninguém pode fugir à Morte. Mas tentar matar a Morte, ou tirar-lhe o poder de matar, era um gesto belo, ainda que desesperado. Fê-lo e morreu na luta. Assim tinha de ser.

Porém, para lá da sátira e da conclusão necessariamente desesperada da peça, uma lição há que extrair dela: Robert Merle denuncia aqui aqueles homens que no nosso tempo fazem o jogo da morte: aqueles cuja vida é o preço de mil mortes, os poderosos de força e de dinheiro, os que antepõem os interesses privados dos seus «trusts» e monopólios aos interesses daqueles a quem designam, em tom ao mesmo tempo amedrontado e desprezador, por Plebe.



A delegação dos Notáveis de Corinto procura dissuadir Sísifo...

## A HERESIA DE SÍSIFO...

Continuação da pág. 1

que devia matar. Por este motivo (trata-se duma notícia em primeira mão), é que nas últimas semanas ninguém tem morrido na Terra.

Sabedor de que a Morte fora dominada pela astúcia de Sísifo, o grande Zeus enviou Ares, o deus da guerra, contra ele. Mas o guerreiro Ares, que tinha a missão de conduzir o culpado aos Infernos, também nada conseguiu, apesar de ter feito fogo contra Sísifo, o que aliás era inútil, uma vez que a Morte continuava desprovida da sua indispensável caneta.

Chegaram há pouco três representantes das classes mais influentes da cidade, das suas forças vivas, por assim dizer. Rogaram, suplicaram, mas, pelo menos até o momento em que redigimos este telegrama, nada conseguiram. Do que disseram, uma coisa se conclui: a Grécia está em perigo! É preciso unir forças! Gregos, o inimigo é Sísifo!

Em «Última Hora», informaremos da solução que vier a ter este caso que tanto apasiona a Grécia. Que o poderoso Zeus inspire os beneméritos Pais da Pátria!

## Grupo de Teatro Popular

Continuação da pág. 3

lizações, quando o primeiro passo é dado, numa sessão em que significativamente a música está também associada, todos nos devemos sentir contentes, público e intérpretes, porque o mais difícil foi conseguido: o vencer o que nos cabe da indiferença, alheamento e passivismo de que o nosso meio é exemplo. Se a actuação cénica pareceu bem ou mal, só importa na medida em que foi contra o desejo sincero de agradar. O que importa fundamentalmente relevar é o significado que a constituição deste grupo de teatro assume no seio duma casa de trabalhadores como esta. Que todos se compenetrarem do papel moral e cultural que ao novo agrupamento está reservado, para que o não deixem de rodear com a sua simpatia e, sobretudo, com a sua colaboração. O teatro é uma obra de equipa. Todos serão precisos e terão neste grupo o seu lugar. Pessoalmente, confesso-me honrado por os en-

tusiastas de tão bela iniciativa se terem lembrado de me chamar. E é no uso da qualidade que me atribuíram, tanto quanto ela me permite, que julgo dever, no cumprimento dum costume tradicional, pedir, para os que ora comem, e com a devida vénia, a benevolência do respeitável público.

HUMBERTO D'ÁVILA

JOSÉ SARAGAMO

CAIXA ECONÓMICA OPERÁRIA  
DIA 19 DE MAIO, pelas 23 horas  
RECITAL PELA CANTORA

**Madalena Andersen**

|  |                       |
|--|-----------------------|
| 1 — Se Florindo e Fedelo . . . . .                 | A. SCARLATTI          |
| 2 — An Chloe . . . . .                             | MOZART                |
| 3 — Ária de Zerlino (de ópera "D. João") . . . . . | MOZART                |
| 4 — A Truía . . . . .                              | SCHUBERT              |
| 5 — Après un rêve . . . . .                        | G. FAURÉ              |
| 6 — Redondilha . . . . .                           | CRONER DE VASCONCELOS |
| 7 — Gerinaldo . . . . .                            | ERNESTO HALFTER       |
| 8 — Chora videira . . . . .                        | FREDERICO DE FREITAS  |
| 9 — Santa Luzia . . . . .                          | ARTUR SANTOS          |
| 10 — Cantiga de Borda d'Água . . . . .             | F. LOPES GRACA        |

Ao Piano: BEATRIZ SOARES

*Handwritten signature: Madalena Andersen*

# AS 6 FACES DO LIVRO

Texto de RUI ROCHA



**E**NTRA-SE na Feira do Livro de Frankfurt e, após cinco minutos de viagem em tapete rolante, chega-se ao edifício 4 (há dez): à entrada, um quiosque anuncia, em linhas de néon, o «Rick's Café»; por trás, a uns cinquenta metros, impõe-se, no cartaz da editora

Neuer Weg (Novo Caminho), de Essen, o slogan «**Proletários de todos os países, uni-vos**»; à direita, três senhoras estão reunidas à volta de uma mesinha com velinhas, num stand verdinho, debaixo da palavra «Natal». Contrastes banais nos 180 mil metros quadrados onde se expõe o mundo, cada vez mais global, da edição. Como se

todos os livros possíveis ali se mostrassem, e, até, os improváveis — lembra-nolo, às tantas, um borgesiano reclame à «**Segunda Enciclopédia de Tlön**». Como se tudo se confundisse nessa teimosa equivalência geral das mercadorias que permitiu a inesquecível primeira página do «Record» de sexta-feira, 9/10: sobre fundo ►

Editores, autores, tradutores, agentes e «batedores» literários, responsáveis pela distribuição: seis aspectos fundamentais na difusão do livro. Todos eles se encontram na Feira do Livro de Frankfurt, o maior mercado mundial da edição mas, também, um lugar onde permanece aberto o caminho entre literatura e liberdade. Ao fazer 50 anos, a Feira escolheu como país-tema a Suíça; para os portugueses, sem dúvida que o autor por excelência deste ano foi José Saramago

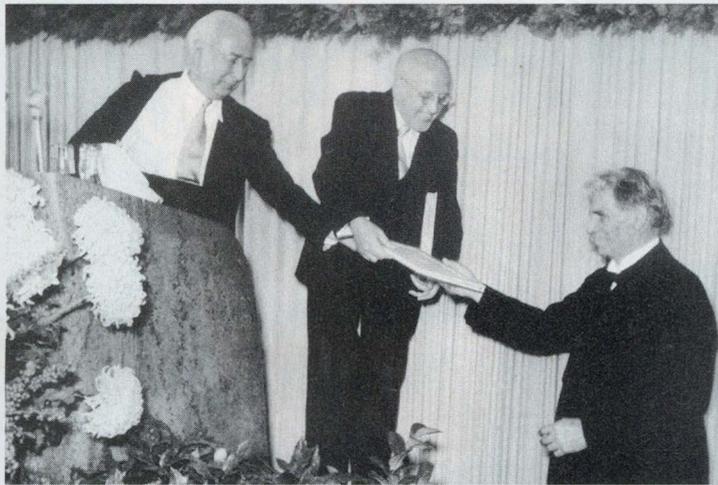




As primeiras Feiras do Livro, na Igreja de S. Paulo



Aspecto do interior da Feira, em 1949



Entrega do Prémio da Paz a Albert Schweitzer, em 1951



O chanceler Konrad Adenauer na Feira, em 1965



Muhammad Ali arengando em 1975



A «via mobile» em 1987, tentativa de responder às crescentes dimensões da Feira

► de bandeira nacional, à esquerda (sobre verde) Saramago, o nobel; à direita (sobre vermelho) Artur Jorge, o treinador.

Esta tensão entre o valor de troca, que permite igualar todos os livros sobre um mesmo denominador, e o valor de uso, que permite afirmar o livro como coisa única, portador e condensador de cultura, faz da Feira de Frankfurt um acontecimento único, encavalitado em dois mundos, dois olhares, dois tempos diversos e (talvez) sucessivos. Um lugar de inquietações e optimismo, onde o crescente volume de negócios ligados à edição vai de par com o sucessivo desaparecimento das editoras independentes, aquelas que dantes se ligavam a um nome e a uma vontade, Giulio Einaudi, Conte Bompiani.

A Feira já não é o lugar onde vibram as novidades literárias «obrigatórias», como há dez anos. Mas é (foi este ano) o sítio onde se reflectem as tendências para a concentração — editorial — que são o quotidiano da globalização. Os números impressionam: segundo Roland Ulmer, do Conselho de Administração da Feira, as fusões e compras de editoras no mercado americano movimentaram \$8,5 biliões (mais de 1500 milhões de contos) apenas no primeiro semestre deste ano. E o grande acontecimento, aquele que deve ter provocado pelo menos um comentário de cada um dos presentes, foi a notícia, dada na noite de terça-feira, da associação (50/50) da Bertelsmann com a Barnes & Noble para explorar o mercado de vendas on-line, com a sua livraria virtual BOL.com. Depois da aquisição da Random House (editora do best-seller Michael Crichton ou da Nobel Toni Morrison), que transformou a empresa alemã na maior editora de língua inglesa, a «joint-venture» com a Barnes & Noble levou o diário francês «Libération» a pôr a Feira de Frankfurt sob o lema «O Ano Bertelsmann». Mas não são apenas os alemães (presentes há muito em Portugal com o Círculo de Leitores) a afirmarem-se no mundo da globalização. O novo grupo francês Vivendi, ao comprar, através da Havas, a mega-editora ibero-americana Anaya, criou pruridos em Espanha, sobretudo pela «ameaça» de perda de controlo sobre a América latina (em Portugal, a Dom Quixote passou a pertencer ao grupo, pela mesma via): dos cinco maiores grupos espanhóis, responsáveis por metade do volume de negócios, apenas a Planeta e o grupo Santillana continuam independentes.

Também os livreiros se concentram: as duas maiores cadeias inglesas, a Dillons e a Waterstone, fundiram-se, ficando com um quinto de mercado; a americana Borders comprou a Books etc. há um ano; em França, os livreiros independentes já só cobrem 37 por cento do mercado. Em geral, o aumento do volume de negócios das grandes cadeias é claramente superior ao dos pequenos retalhistas.

O caso das livrarias «on-line» ilustra particularmente a instabilidade própria de um mundo em mudança: a amazon.com, apesar de não ganhar dinheiro e ►

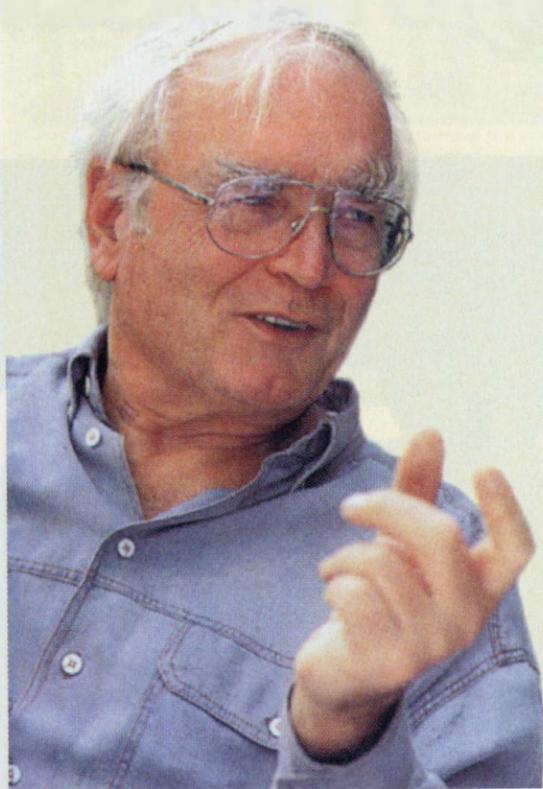
 GYMNASIUM



Distribuído por

RIMOTEL

Telef.: 01 - 816 00 40



**Martin Walser, Prémio da Paz:** «Auschwitz não pode usar-se como uma constante ameaça, como intimidação, que pode ser utilizada em qualquer momento, como uma condenação moral, ou simplesmente como um exercício compulsivo. Porque desperta tantas suspeitas dizer que os alemães são agora gente normal, uma sociedade vulgar?»

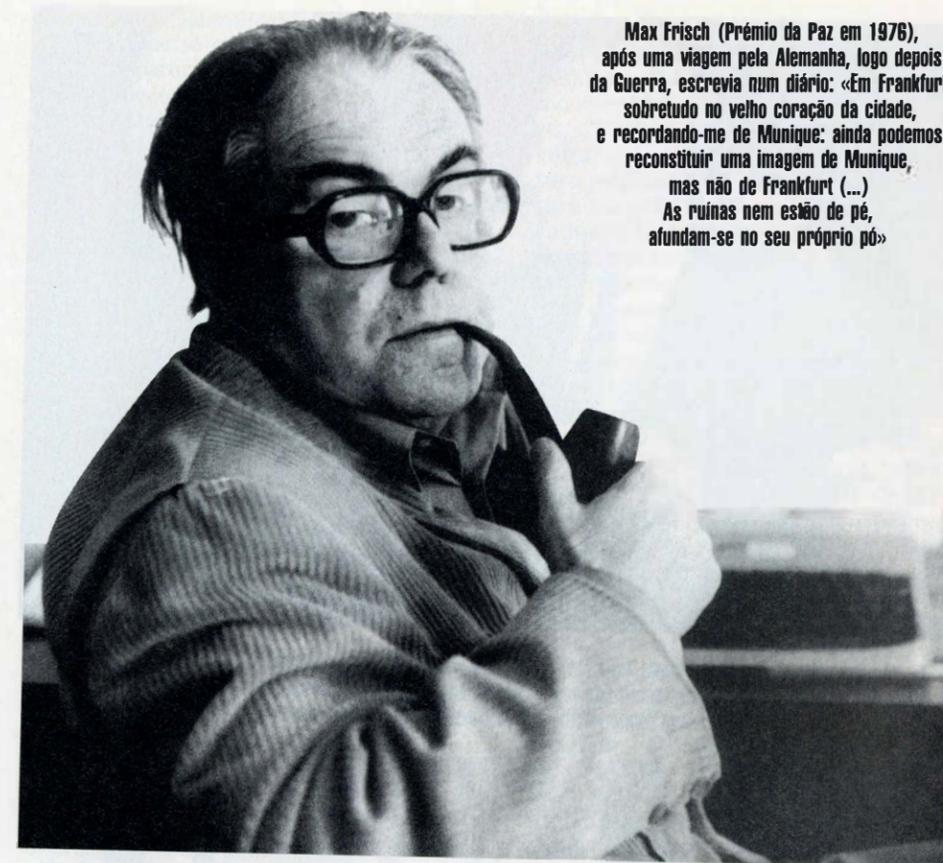
► apresentar perdas nas operações correntes, continua com altas cotações bolsistas; e o mesmo se passa com a B&N: a livraria virtual será o futuro, todos o acreditam, mas tarda a concretizar-se em lucros.

É perante este mundo cada vez mais abstracto que se torna premente para alguns a necessidade de afirmar que a Feira é um veículo de valores humanistas; como declarou na conferência de imprensa inicial o seu director, Peter Weidhaas, esta «**tem sido largamente a tentativa de articular, escrever e publicar livros, cultura, direitos humanos e liberdade**». Pelos corredores, sucessivas ampliações de fotos a preto-e-branco recordam-nos a presença na Büchmesse de figuras marcantes do imaginário político ocidental, como Cohn-Bendit (e outras reproduzidas nestas páginas).

A Feira é, sobretudo, um espantoso lugar de troca de informações, de circulação da palavra. Não que os editores se precipitem, ávidos, para os pavilhões dos outros países em busca de desconhecidas literaturas e inesperadas novidades. Pelo contrário: aparentemente cada um se mantém na sua ilha nacional ou temática. Existem, claro, como em tudo o que é venda, meninas cheias de iniciativa, capazes de perseguir com o seu bom aspecto os editores mais incautos, a quem procuram vender os mais variados produtos em forma de livro. E, num registo mais sóbrio, uma grande edito-

ra inglesa é capaz de tentar convencer um editor português a comprar um livro dietético, onde se fala imenso de peixes de rio e nada dos que nós encontramos na praça de todos os dias.

O que existe são redes de confiança, elaboradas ao longo de anos de contactos, e que adquirem expressão nos cocktails das grandes empresas e nos foyers dos principais hotéis, como essa espécie de anexo social da Feira que é o Frankfurter Hof, onde todas as noites escritores, tradutores, mas sobretudo editores e agentes literários se encontram, organizam jantares, trocam opiniões, se recomendam mutuamente autores, indicam tiragens e referem os direitos pagos pelo livro tal ou tal (em valores que podem ir das centenas de contos, as pechinças, às dezenas de milhar, as exorbitâncias). Em torno dos «scouts» («batedores»), profissionais especializados na atenção às novidades editoriais, criam-se círculos de editoras de vários países, que acabam por partilhar parcialmente uma mesma carteira de autores. E um agente literário importante que decida apostar no livro de um autor seu pode conseguir promovê-lo bem para além das expectativas. Convém ainda não esquecer as pressões exteriores, como o destaque dado por «Le Monde» na capa do seu suplemento literário na semana da Feira, ao primeiro romance de um autor americano recusado no seu ►



**Max Frisch (Prémio da Paz em 1976),** após uma viagem pela Alemanha, logo depois da Guerra, escrevia num diário: «Em Frankfurt, sobretudo no velho coração da cidade, e recordando-me de Munique: ainda podemos reconstituir uma imagem de Munique, mas não de Frankfurt (...) As ruínas nem estão de pé, afundam-se no seu próprio pó»

Esquema de telecomunicações adaptado ao EP nº 14 de 01/04/98



*Você já tinha mil e um motivos para sonhar com a Interoute. Mas por via das diividades, aqui vai o milésimo segundo.*



*chamadas internacionais até 60% mais baratas.*

**Chegu a Interoute. E com ela as tarifas telefónicas que não lhe vão tirar o sono.** O grupo Interoute acaba de trazer para a sua empresa um conjunto de operadores privados da Europa. Assim, bosto aderir aos nossos planos personalizados para nunca mais ter que se preocupar totalmente novo em telecomunicações. Tudo sem complicações, nem necessidade de equipamentos diferentes dos que tem hoje e com uma qualidade garantida por uma conta exorbitante no final do mês. Ligue grátis o **0800 22 77 22** e veja como não há o mínima hipótese de estar a sonhar





Em cima: Fabio Cotti, presidente da Confederação Helvética, com o Presidente alemão Roman Herzog, na inauguração da Feira do Livro deste ano; em baixo: retrato por Giacometti do seu irmão Diego



► país e lançado em tradução pela Flammarion (Martin Egolf, *Le Seigneur des Porcheries*). A importância dada ao contacto pessoal, a confiança na opinião mútua (mesmo a desse espécimen particularmente desconfiado que é um editor) dão à Feira um ar de cultura e, sobretudo, de liberdade, que completa bem a sua dimensão obviamente comercial.

Quando se fala de escritores e liberdade, Salman Rushdie é referência obrigatória. Foi-o também, como era de esperar, em Frankfurt, não só nas referências dos vários discursos da sessão inaugural de dia 6, como pela sua presença no jantar que, nessa mesma noite, reuniu os seus vários editores. No dia seguinte, de manhã, apareceu para repetir a expressão do seu alívio pela liberdade recuperada, prudentemente escoltado por quatro guarda-costas; e anunciou que o próximo livro será sobre a sua experiência de clandestinidade.

Para comemorar o 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, e por proposta da associação de editores da Índia, foi criado o novo prémio da Liberdade de Publicar, concedido, desta primeira vez, a uma editora turca, a sra. Ayse Nur Zarakolu. A decisão foi acompanhada de uma generosa distribuição de flores por todos os pavilhões, juntamente com um precioso livrinho com os contactos das uniões de editores de todo o largo mundo onde a liberdade de expressão está dramaticamente limitada.

Mais clássico é o Prémio da Paz, concedido desde 1950, e que contemplou, entre outros, Martin Buber, Karl Jaspers, Ernst Bloch, o Clube de Roma (em 1973), Octavio Paz, Vaclav Havel ou Amos Oz. Este ano foi para um alemão muito especial, Martin Walser. Foi no meio das ruínas da guerra que os editores alemães das zonas ocupadas pelas potências ocidentais decidiram relançar a sua actividade. Tendo ficado na zona soviética a velha Reichsbibliothek em Leipzig, lançaram uma nova em Frankfurt; e foi em Frankfurt, na histórica Igreja de S. Paulo, onde se reunira a Dieta revolucionária de 1848, que realizaram a primeira Feira do Livro. Nessa altura, escrevia no seu diário Max Frisch (ele próprio Prémio da Paz em 1976): «**Em Frankfurt, sobretudo no velho coração da cidade, e recordando-me de Munique: ainda podemos reconstituir uma imagem de Munique, mas não de Frankfurt (...)** As ruínas nem estão de pé, afundam-se no seu próprio pó.» Cinquenta anos depois, não admira que os editores alemães tenham escolhido um escritor que sempre deu particular importância à reunificação (veja-se o romance *Dorle e Wolf* — que, com *O Cavalo Voador*, são os dois livros traduzidos para português, pela Dom Quixote). Disse ele, na recepção do prémio, na tal Igreja de S. Paulo: «**Auschwitz não pode usar-se como uma constante ameaça, como intimidação, que pode ser utilizada em qualquer momento, como uma condenação moral, ou simplesmente como um exercício compulsivo. Porque desperta tantas**

**suspeitas dizer que os alemães são agora gente normal, uma sociedade vulgar?»**

O escritor do ano, pelo menos para os portugueses presentes na Feira, foi, evidentemente, José Saramago, Nobel da Literatura 98. A atribuição do prémio teve um contexto inesperado e curioso: a presença de Saramago em Frankfurt deveu-se a um convite do Instituto do Livro para participar num debate sobre «Ser Comunista Hoje», com outros três escritores membros do PCP, Alice Vieira, Mário de Carvalho e Urbano Tavares Rodrigues. Todos apresentaram como fundamental para a sua opção política o percurso biográfico, que Saramago levou, aliás, até uma inesperada análise dos seus próprios escritos: «**Em tudo o que tenho escrito, está presente o Alentejo; nos últimos livros pode parecer menos evidente, mas está lá, para quem souber ler atentamente.**» É afirmara o seu pessimismo como a posição possível para dar sentido à luta por uma sociedade melhor. Essa afirmação ideológica deu uma cor especial às rosas vermelhas (não havia cravos) com que o ICEP teve a boa ideia de ornamentar a representação portuguesa na Feira e que distribuiu generosamente por quem quis associar-se ao ambiente de festa que rapidamente se impôs na zona dos editores portugueses, no pavilhão 9.

A noite na Alte Oper, marcada pela afirmação da luta dos comunistas pela liberda-

de durante o salazarismo, foi menos polémica do que se esperaria, sobretudo pela reduzida participação de alemães, deixando um pouco os portugueses (de passagem ou residentes) a falar entre eles.

E o mesmo se passou nas outras iniciativas promovidas pelo Instituto do Livro, com a coordenação de Fernando Pinto do Amaral, que levaram à Alemanha um conjunto notável de escritores, entre os quais Eduardo Prado Coelho, Gastão Cruz, Inês Pedrosa, Lídia Jorge, Luísa Costa Gomes, Manuel Alegre, Mário Cláudio e Vasco Graça Moura. O fraco eco mostra o muito que ainda há a fazer para que a cultura portuguesa tenha a imagem de algo que vale a pena, na fortíssima inundação de acontecimentos que marca a Feira (mais de 200 páginas, no roteiro editado pela organização). Mesmo tendo ganhado o Nobel. Ao nível da pequena história, conte-se o gesto de Agustina Bessa-Luís: num restaurante, mandou vir lagosta e champanhe, anunciando em alta voz que era para comemorar o prémio de Saramago.

Não menos político — mas com maior audiência que o debate português de quarta-feira à noite — foi o discurso inaugural do presidente da Confederação Helvética, Fabio Cotti. A Suíça foi, com efeito, o país-tema desta ano, e Cotti veio, com quatro autores, apresentar a cultura do seu multímodo país (que se desdobraria nos dias seguintes

em sucessivas sessões de leitura pública pelos 140 escritores suíços que na ocasião se deslocaram a Frankfurt). Com um pessimismo inesperado da parte de um político, disse: «**A Suíça não é uma nação no sentido cultural, e, de facto, nesse sentido, a ‘cultura política’ é no nosso país a única cultura nacional. ‘Como cultura’, fez criticamente notar Max Frisch, ‘queremos provavelmente referir-nos antes de mais às conquistas cívicas. Mais uma atitude comum que o trabalho artístico de um indivíduo.’**»

Ao contrário desta unidade ainda possível na opinião de Frisch, um dos escritores suíços presentes, Fabio Pusterla, falaria de uma «terra de ninguém», um lugar sem identidade, «onde as bandeiras estejam fora de moda, e os cadáveres das vítimas. Porque a identidade colectiva precisa sempre de vítimas. Habitualmente fecham-se bem as janelas dos carros quando se atravessam esses lugares sem identidade. Mas se se pára, se sai e se dá uma volta, sente-se que algo escorrega pelas costas. De repente está-se de pé, nu. Um indivíduo nu, vestido só com a sua individualidade. Pronto a conhecer outros indivíduos, que estejam igualmente sós e nus. Na Suíça italiana ou em qualquer outra parte do mundo».

O discurso de Cotti terminou com a nota mais política de todas as ouvidas na ►

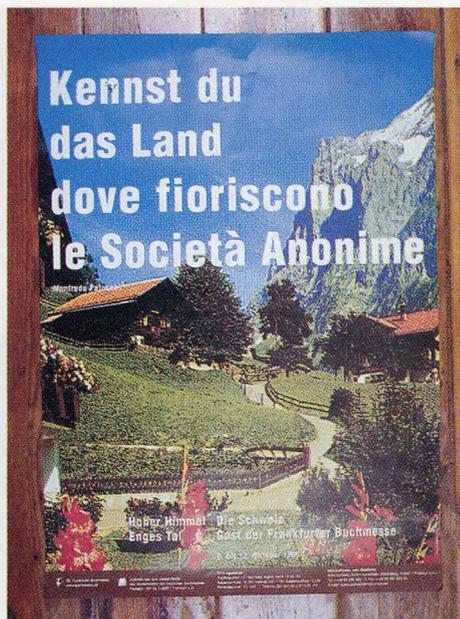
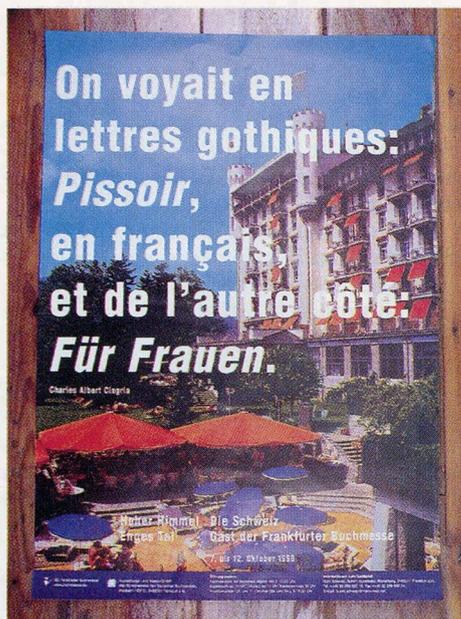


## O caminho mais curto para ir ao outro lado do mundo não é furar a Terra.

Furar a terra é exactamente o oposto do que a TNT pensa. E pratica. Com apenas uma chamada telefónica você pode ter acesso ao país inteiro mas também ao mundo. Porque trabalhar com a TNT significa entrar numa extensa rede nacional e internacional de distribuição. É, creia, uma solução total. Você trabalha com mais de 50.000 pessoas em mais de 200 países, que concretizam com sucesso mais de 10 milhões de envios por semana e que são apoiados por uma rede de informação avançada que é uma das dez maiores redes privadas do mundo. Satisfeito? Se quiser saber mais, ligue para o nosso Serviço de Clientes, (01) 854 50 50 ou (02) 944 06 50. Ou visite o nosso site na internet - [www.tnt.com](http://www.tnt.com).

Global Express, Logistics & Mail





Cartazes da Suíça, país-tema da Feira do Livro de 1998

Em cima, à esquerda:

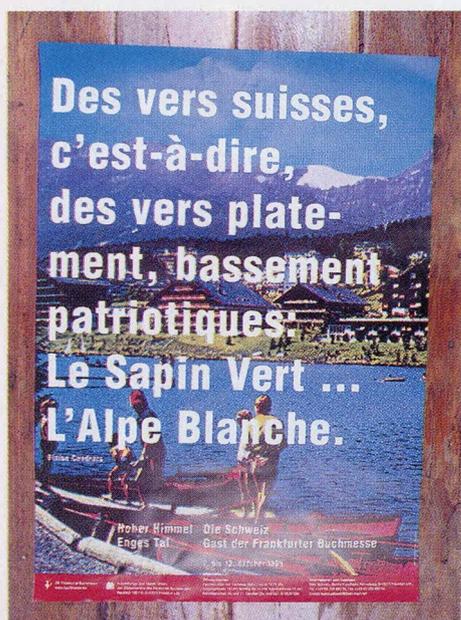
«Via-se em letras góticas Pissoir (Mijatório), em francês, e do outro lado, Für Frauen (Para Senhoras); em cima, à direita:

«Conheces uma terra (em alemão) onde florescem as sociedades anónimas (em italiano); ao lado:

«Vale estreito, vasto céu»; em baixo, à esquerda:

«Versos suíços, quer dizer, versos vulgarmente, baixamente patrióticos: o verde pinheiro, os brancos Alpes»; em baixo, à direita:

«Quando Heidi lhe abriu os olhos na primeira manhã em Frankfurt, aquilo que se via não fazia sentido»



► Feira: «Chamam a atenção, nos últimos anos, os crescentes apelos a uma crítica construtiva. Talvez porque existe um entendimento cada vez maior de que a política e a cultura não devem viver de costas voltadas. (...) Não basta pedir aos nossos escritores a gentileza de nos apresentarem um espelho, a nós, políticos. As vozes críticas têm de dispor de esferas de influência. (...) Na literatura em particular, e na Suíça em particular, foram os artistas criadores que repetidamente tocaram nos pontos podres. A crítica é indispensável para uma sociedade verdadeiramente liberal e democrática. Não podemos contentar-nos com uma cultura transformada numa simples ocupação de tempos livres.»

A escolha da Suíça não terá sido inocente, no momento em que decorre um braço-de-ferro entre os editores alemães e Bruxelas por causa da fixação dum preço único entre a Alemanha e a Áustria, com a intenção de unificar o mercado do livro de língua alemã (o que vai contra as regras de concorrência da UE).

O que mais chamou a atenção na representação helvética foi a tremenda crise de identidade em que se encontra um país que escolhe, como frase para o ecrã que dominava a mostra patente no respectivo pavilhão, uma frase de Katherine Mansfield sobre os suíços, em que esta declarava nunca ter visto gente tão feia, que as mulheres pareciam peras... Os cartazes afixados pelas paredes da Feira (alguns aqui reproduzidos) iam pelo mesmo tom. E apenas uma inquietante máquina, sem dúvida trazida do 202 da Avenida dos Campos Elíseos, uma «máquina de leitura» em que um cilindro fazia lentamente desfolhar as páginas de um livro, sem que o leitor tivesse de levantar um dedo, nos lembrava um pouco a Suíça-lugar-comum, no meio de vezes que sussurravam os muitos sotaques dos dialectos alemânicos.

O pavilhão suíço deve, aliás, ter feito a alegria de Luísa Pacheco Marques, a arquitecta do pavilhão de Portugal no ano passado e tão criticado então: um espaço altíssimo separado por uns cortinados de grenal desbotado pendentes do tecto, num tecido tipo repes, com longos expositores a que se agarravam uns livros sobre o património (como diríamos cá), com capas igualmente desbotadas, e umas meninas com falsas carecas e ar século XXIV, de frases escritas na cabeça. Felizmente a zona dos editores suíços estava noutra pavilhão e tinha um ar normal, que dava para ver a esmagadora presença da edição de língua alemã (contra a meia dúzia de livros em reto-romanche, mesmo assim de duas editoras diferentes).

Normal, e aliás excelente, era a exposição de Giacometti que os suíços trouxeram ao Schirn Kunsthalle (o ano passado, esteve em obras, e Portugal acabou por não mostrar a programada exposição de Vieira da Silva), onde destacamos, por menos vistas, as esculturas cubistas dos anos 20 e a famosa peça *A Mulher Degolada*, que marcou a sua ligação com os surrealistas.